

## PRÓLOGO

Uma mesa com um espelho, uma tesoura e uma toalha.  
Entre Castódio.

Castódio

Preparo-me para cortar a barba, a minha fiel amiga. Treme-me a mão ligeiramente: porquê? Todo o orgulho dos árabes, segundo dizem, está no seu pénis e na sua barba visível. Esta não lhes é um sêro apêndice do rosto, mas algo sagrado. A minha mão treme, pois ao cortar os pêlos do rosto sinto-me-ni nu e exposto a todos os riscos. (Para o seu reflexo no espelho.) Tu que me olhas, encolhe-te bem: velho aldrábe, há quanto tempo imperáveis um de nós! Foga na cabeça - pigreira. Agora firme... começarei pelo bigode. Mas que nervos agitados! Não se espete um... a minha boa barba - e esse bigode... mulher? Um desgraçado, de pele eliminadamente cor-de-rosa... porque a barba serve para que eu me oculte. Diabo, ora! Será tu de tal modo despretensível que necessites destes subterfúgios peludos? Os olhos, que se tinha averiguado, não usar barba e o orgulho de um homem, criado à semelhança de Deus, não deve estar no seu pénis nem nas partes adjacentes, bigode inclusive... Mas é fantástico, já nem sei o que digo! Creio que estou a ficar com febre, só do brilho da tesoura. Ah não, coragem! (Para o seu reflexo.) E daquela vez em que fomos os dois, tu e a minha barba, àquela casa de má fama... pronto, é isso, vou desatar num choro sentimental por conta própria. (Fungendo.) Além de todo o problema metafísico que o caso engloba: este rosto barbudo não pode ser o meu verdadeiro rosto - mereo diárcos com que me embebedo. Encerrando-me frente a frente, os olhos negam-me esta aparência: ou, vida dissoluta de barba e bordel, de bordel e barba, bodeguice imunda - quem me banhase em águas de verdade! (Erguendo a tesoura ao alto.)

Miguel Rovisco

## PRÓLOGO

Uma mesa com um espelho, uma tesoura e uma toalha.  
Entre Custódio.

## Custódio

Preparo-me para cortar a barba, a minha fiel amiga. Treme-me a mão ligeiramente: porquê? Todo o orgulho dos árabes, segundo dizem, está no seu pénis e na sua barba vistosa. Esta não lhes é um mero adorno do rosto, mas algo sagrado. A minha mão treme, pois ao cortar os pêlos do queixo sentir-me-ei nu e exposto a todos os riscos. (Para o seu reflexo no espelho.) Tu que me olhas, conheço-te bem: velho aldrabão, há quanto tempo inseparáveis um do outro! Pego na tesoura - pieguice. Agora firme... começarei pelo bigode. Mas que tesoura aguçada: cuidado, não se espete um olho... perderei por completo a virilidade, raios! O pénis e os pêlos: sem a minha boa barba - e este bigode tão meu -, com que cara olharei para uma mulher? Um desgraçado, de pele efeminadamente cor-de-rosa... porque a barba serve para que eu me oculte. Diabo, ora! Serei eu de tal modo desprezível que necessite destes subterfúgios peludos? Os anjos, que se tenha averiguado, não usam barba e o orgulho de um homem, criado à semelhança de Deus, não deve estar no seu pénis nem nas partes adjacentes, bigode inclusive... Mas é fantástico, já nem sei o que digo! Creio que estou a ficar com febre, só do brilho da tesoura. Ah não, coragem! (Para o seu reflexo.) E daquela vez em que fomos os dois, tu e a minha barba, àquela casa de má fama... pronto, é isso, vou desatar num choro: sentimentalão por conta própria. (Fungando.) Além de todo o problema metafísico que o caso engloba: este rosto barbudo não pode ser o meu verdadeiro rosto - mero disfarce com que me embebedo. Encarando-me frente a frente, os olhos negam-me esta aparência: oh, vida dissoluta de barba e bordel, de bordel e barba, bodeguice imunda - quem me banhasse em águas de verdade! (Erguendo a tesoura ao alto.) Parto ao encontro de mim como um cavaleiro andante. Eis perto a toalha de

PRÓLOGO

Uma mesa com um espelho, uma tesoura e uma toalha.  
Entre Custódio.

Custódio

Preparo-me para cortar a barba, a minha fiel amiga. Treme-me a mão ligeiramente: porque? Todo o orgulho dos árabes, segundo dizem, está no seu péis e na sua barba visosa. Esta não lhes é um metro adorno do rosto, mas algo sagrado. A minha mão treme, pois ao cortar os péis de / queixo sentar-me-ei nu e exposto a todos os raios. (Faz o seu reflexo no espelho.) Tu que me olhas, ocupa-te bem: velho aldrábeo, há quanto tempo inspeccionas em do céu? Fico na tesoura - picuice. Agora firme... comecei pelo bigode. Mas que tesoura aguçada: ouvidado, não se espere um olho... perdeste por completo a verdade, pois o péis e os péis: sem a minha boa barba - e esse bigode tão meu - com que cara olhava para uma mulher? Um descaçado, de pele efeminadamente cor-de-rosa... porque a barba serve para que eu me oculte. Dicho, oral, será eu de tal modo desprezível que necessite destas subterfúgios polidos? Os enjos, que se tanta averiguado, não usam barba e o orgulho de um homem, criado à semelhança de Deus, não deve estar no seu péis nem nas partes adjacentes, bigode inclusive... Mas é lantástico, já nem sei o que digo! Creio que estou a ficar com febre, se do péis da tesoura. Ah não, coragem! (Faz o seu reflexo.) E daquela vez em que fomos os dois, tu e a minha barba, áquela casa de um fuma... pronto, é isso, vou deixar num choro sentimental por conta própria. (Tingando.) Além de todo o problema metafísico que o caso engloba: este rosto barbudo não pode ser o meu verdadeiro rosto - mereo distar-me com que me embobado. Encarando-me frente a frente, os olhos negam-me esta aparência: oh, vida dissoluta de barba e bordel, de bordel e barba, podagunice imunda - quem me barbava em águas de verdade! (Segurando a tesoura ao alto.) Fato ao encontro de mim como um cavaleiro andante. Há pelo a toalha de

Verónica onde as minhas rugas se eternizarão: (Para a toalha) reconhecer-me-ei contemplando em ti a minha estampa. Aguarda-me uma aventura tremenda: sinto arrepios no meu rosto, liso como a palma das mãos - rosto-sol, rosto-ideal, face a face. Cada pêlo da minha barba convertido num vil muçulmano: cavaleiro de Cristo à reconquista da Ibéria sua! Vistam-me de branco, coroem-me de luz! "Aos infiéis, Senhor, aos infiéis - anseio pela santidade do meu rosto - e não a mim que creio o que podeis!"... ai! (Para o seu reflexo.) Que foi?... Lembrei-me... do quê? Cristo usava barba!!!

Custódio

(Tendo observado silenciosamente a mão por alguns instantes.) A mamã a beber... (Gesto vago de D. Teresa.) E a chorar!...

D. Teresa

Ea não choro, meu filho, estou-me a rir com os olhos! Foi muito feliz, tu sabes... (Bebe.)

Custódio

Mamã

D. Teresa

(Muito digna.) Estou completamente perfeita.

Custódio

Mãe... (Afasta a garrafa.)

D. Teresa

Enche-me o copo: o segundo... pronto, o terceiro. Não minucioso, este meu filho! E arranja outro para tu beberes também - à saúde do teu pai.

## PRIMEIRO ACTO

Custódio

À saudade dele, diga antes.

Noite.

Escritório em casa de D.Teresa Vitória de Barbosa Penalva e Ramalhete.

D.Teresa

(Com a m

secretária

que era

recordar-

nos dávamos

Custódio

(Tendo observado silenciosamente a mão por alguns instantes.) A mamã a beber...

(Gesto vago de D.Teresa.) E a chorar!...

E a mamã segue-lhe as pisadas...

D.Teresa

Eu não choro, meu filho, estou-me a rir com os olhos! Fui muito feliz, tu sabes...

(Bebe.) Bebe, menino! Essa linguagem... Sou uma mulher de fibra: posso e quero

enfrentar tudo aquilo que já fui. À saúde do passado. (Bebe.) Que destino formoso,

Custódio ... mas é recordando - e só recordando - que eu ganho coragem para

Mamã! avante. (Estendendo o copo.) Meu filho, avante! (Pausa.) Mas "avante" para

quê, não me dizes tu? Pobre Custódio!

D.Teresa

(Muito digna.) Estou completamente perfeita.

Podemos ainda esperar que a vida seja gentil para connosco. Não julgo que ainda

Custódio ...idade no mundo, mas uns tempos gentis que teimem em fazer-nos

Mãe... (Afasta a garrafa.)

D.Teresa

Enche-me o copo: o segundo... pronto, o terceiro. Tão minucioso, este meu filho!

E arranja outro para tu beberes também - à saúde do teu pai.

PRIMEIRO ACTO

Noite.  
Escritório em casa de D. Teresa Vidóia de Barros Penha e Ramalho.  
Os móveis encontram-se cobertos por grandes lençóis de branco  
poenteis, excepto uma secretária comprida e uma cadeira. Sobre a  
secretária, uma garrafa; sentada na cadeira, D. Teresa vai bebendo  
lentamente goles de vinho.  
Apenas um frasco candeeiro ilumina a cena.  
Passados momentos, entra Custódio, de cara rapada. Põe o chapéu  
com uma pluma azul sobre um dos móveis e dirige-se sem ruído até  
D. Teresa.

Custódio

(Tendo observado silenciosamente a mãe por alguns instantes.) A mamã a beber...  
(Gesto vago de D. Teresa.) E a chorar!...

D. Teresa

Eu não choro, meu filho, estou-me a rir com os olhos. Foi muito feliz, tu sabes...

(Bebe.)

Custódio

Mamã!

D. Teresa

(Muito digno.) Estou completamente perfeita.

Custódio

Mãe... (Alisa a garrafa.)

D. Teresa

Fache-me o copo: o segundo... pronto, o terceiro. Tão minucioso, era meu filho!  
E arranja outro para tu beberes também - à saúde do teu pai.

Custódio

À saudade dele, diga antes. fechamos as pálpebras desiludidas e nos segredamos:

"Agora o tempo faz-se ele mesmo pequenino e em breve tudo cessará." É isso?

D. Teresa

(Com a mão com que segura no copo, aponta para o retrato de um fidalgo perto da secretária.) Um fraco: todas as noites a cair de bêbado. Ele bebia para esquecer, por que era isso mesmo: um homem fraco. Eu, ao contrário, bebo com o fim de recordar-me até ao mais pequeno pormenor: o beijo e o insulto - que nem sempre nos dávamos às maravilhas, nós os dois. Neste preciso escritório, as discussões quando eu o vinha encontrar num estado...

Custódio

E a mamã segue-lhe as pisadas... filho: ele há-de ter a oportunidade de não amar

mais o nosso mundo envelhecido.

D. Teresa

Disparate, menino! Essa linguagem... Sou uma mulher de fibra: posso e quero enfrentar tudo aquilo que já fui. À saúde do passado. (Bebe.) Que destino formoso, para agora... mas é recordando - e só recordando - que eu ganho coragem para seguir avante. (Estendendo o copo.) Meu filho, avante! (Pausa.) Mas "avante" para quê, não me dizes tu? Pobre Custódio! outros viverão por nós a felicidade. (Estende

o copo a Custódio, que bebe.) Como o teu pai se orgulharia de ti... ah! (Espanta-se

Custódio

Podemos ainda esperar que a vida seja gentil para connosco. Não julgo que ainda haja bondade no mundo, mas uns tempos gentis que teimem em fazer-nos companhia.

D. Teresa

Ah!

**D.Teresa**

Como à noitinha, quando fechamos as pálpebras desiludidas e nos segredamos:  
"Agora o tempo faz-se ele mesmo pequenino e em breve tudo cessará." É isso?  
Depois adormece-se em sonhos do antigamente.

**Custódio**

Ou do futuro.

**D.Teresa**

Pois também esses?

**Custódio**

Não para mim, mas para o meu filho: ele há-de ter a oportunidade de não amar  
mais o nosso mundo envelhecido.

**D.Teresa**

Isso é ser-se escandalosamente livre - e belo! (erguendo o copo.) Ao futuro!  
Bebamos à saúde do tempo por vir! (Bebe.) E tu também, bebe: faz esse sacrifício  
próprio das classes condenadas - pelo meu neto! Se não somos felizes, que importa?  
Não tivemos condições para o sermos: outros viverão por nós a felicidade. (Estende  
o copo a Custódio, que bebe.) Como o teu pai se orgulharia de ti... ah! (Espanta-se  
muito.)

fin I  
II

**Custódio**

(Risonho.) Mãe...

**D.Teresa**

Ah!

D. Teresa  
Como á noitinha, quando fechamos as palpebras desluzidas e nos seguramos:  
"Agora o tempo faz-se ele mesmo pequenino e em breve tudo cessar". É isso?  
Depois adormece-se em sonhos do antigamente.

Custódio  
Ou do futuro.

D. Teresa  
Pois também estas?

Custódio  
Não para mim, mas para o meu filho: ele há-de ter a oportunidade de não amar  
mais o nosso mundo envelhecido.

D. Teresa  
Isso é ser-se escandalosamente livre - e belol (erguendo o copo). Ao futuro!  
Bebamos á saúde do tempo por vir! (Beba.) E tu também, bebe: faz esse sacrificio  
próprio das classes condanadas - pelo meu neto! Se não somos felizes, que importa?

D. Teresa  
Não tivemos condições para o sermos: outros viverão por nós a felicidade. (Estende  
o copo a Custódio, que bebe.) Como o teu pai se orgulhava de ti... (Espanta-se  
muito.)

Custódio  
(Risonho.) Mãe...

D. Teresa  
Ah!

**Custódio**

Pois só agora...? (Leva uma mão à cara rapada.)

**D. Teresa**

Devo estar muito... espirituosa: a tua barba!!! Que é feito?

**Custódio**

Rapei-a.

**D. Teresa**

E o bigode?

**Custódio**

Fora com ele!

**D. Teresa**

Mas porquê? Ficava-te tão bem! Agora sim, vou desatar num choro.

**Custódio**

Ora, mamã...

**D. Teresa**

Parecias um homem, todo cheio de pêlos... não me conformo. (Faz tenções de  
beber mais.)

**Custódio**

Basta.

I -  
II

**D.Teresa**

(Lastimosa.) O bigode!

**Custódio**

Que quer a mamã? Sempre que tomo uma decisão, preciso de deixá-la visível no meu rosto. Ou quando me acontece algo de importante. Por exemplo, mal eu soube <sup>que</sup> a Sofia <sup>estava</sup> grávida, lembra-se?, deixei crescer a barba - há quatro meses. Hoje como decidi...

**D.Teresa**

Barba, bigode, tudo! Quando nascer o meu neto, que vergonha!, terei o meu filho careca: o crânio rapado como medida festiva.

**Custódio**

Trata-se de uma maneira de me lembrar que eu sou um homem com as suas responsabilidades. Passo por acaso diante de um espelho e... oh-oh-oh, que é feito da tua barba? Ah, lembra-te: tomaste a tal decisão! E as patilhas? Aquela outra decisão importantíssima... "Quando alguém me vê na rua e me pergunta: "Que é feito do seu bigode lustroso?" - zás! lembro-me que sou responsável.

**D.Teresa**

Pois há quem ande por aí a fazer-te perguntas dessas? Que falta de respeito, meu filho... assim pelas ruas!

**Custódio**

Talvez seja verdade, porém não sou capaz de me decidir sem a ajuda capilar. É um estímulo.



**D. Teresa**

Não te respeitam mais: o nosso nome pela lama... uma das casas mais ricas de Portugal, isto há cem anos!

**Custódio**

Mamã, então...

**D. Teresa**

Dá-te ao respeito, Custódio. Mostra-te valente: se alguém se atrever a perguntas sobre o bigode... ou a barba... tu... - e as patilhas? Ah, lindas elas! Ficavam-te... irresistível!

É de homem, essa decisão.

**Custódio**

Desfiz-me das patilhas após o casamento: quando me resolvi a tirar de apuros os negócios desta casa. Uma semana inteira decidido, corpo e alma; os esforços que não fiz... A mamã recorda-se, cheguei a falar com um judeu acerca de um empréstimo.

Nesse dia...?

**D. Teresa**

No meio da rua, perguntam-te sem mais nem menos... - ao meu filho?

Em triunfo, cortando a cabeça: para não me esquecer de mim!

**Custódio**

Depois, tudo de mal a pior! Deus precisou de sete dias para criar o mundo; se eu em sete dias igualmente não era capaz de endireitar a nossa fortuna...

**D. Teresa**

A desfortuna! Bem que sou uma desilusão constante para si, para a Sofia e para a memória do meu pai. (Pega no copo, que enche.) Quando o meu filho nascer, para que tudo fique solucionado, prego-me um tiro na cabeça. (Bebe.)

D. Teresa

Não te respeitam mais: o nosso nome pela fama... uma das casas mais ricas de Portugal, isto há cem anos!

Custódio

Mamã, então...

D. Teresa

Dá-te ao respeito, Custódio. Mostra-te valente: se alguém se atrever a perguntar sobre o bigode... ou a barba... tu... - e as patilhas? Ah, lindas elas! Ficavam-te...

irresistível!

Custódio

Desfe-me das patilhas após o casamento: quando me resolvi a tirar de apuros os negócios desta casa. Uma semana inteira decidido, corpo e alma; os esforços que não fiz... A mamã recorda-se, chegou a falar com um judeu acerca de um empréstimo.

D. Teresa

No meio da tua pergunta-te sem mais nem menos... - ao meu filho?

Custódio

Depois, tudo de mal a pior! Deus precisou de sete dias para criar o mundo; se eu em sete dias igualmente não era capaz de endireitar a nossa fortuna...

D. Teresa

A desfortuna!

**Custódio**

... então não nascera para aquilo. Tentei os negócios, falhei: conhecer as nossas limitações é prova de sabedoria.

**D. Teresa**

As ricas patilhas! Como foi? Quero ouvir de novo.

**Custódio**

Jamais permitirei que me cresçam de novo.

**D. Teresa**

É de homem, essa decisão.

**Custódio**

No dia em que eu for finalmente um portento de personalidade...

**D. Teresa**

Nesse dia...?

**Custódio**

Em triunfo, corto-me a cabeça: para não me esquecer de mim!

*fim II*

III

**D. Teresa**

Bravo!

**Custódio**

Que eu noto bem que sou uma desilusão constante para si, para a Sofia e para a memória do meu pai. (Pega no copo, que enche.) Quando o meu filho nascer, para que tudo fique solucionado, prego-me um tiro na cabeça. (Bebe.)

**D. Teresa**

Custódio!... larga a bebida, o maldito álcool que deu cabo do teu pai. Neste escritório encontrei-o eu morto, sentado a esta secretária.

**Custódio**

(Timidamente) Como foi? Quero ouvir de novo.

**D. Teresa**

Quantas vezes te tenho repetido - era tanto o sangue, meu Deus! Ele descera ao nível mais baixo: o meu cofre arrombado, as jóias desbaratadas... - uma dama de companhia minha, desde sempre minha, que vivia comigo há anos, pois vim a descobrir que usava brincos meus às escondidas, que o teu pai lhos oferecera... Depois ele vendeu tudo e hoje só resta esta casa enorme para os sobreviventes da desfortuna. (Pausa.) Suicidou-se entre estas quatro paredes. Um tiro. Que irónico: belíssima, aquela tarde de primavera! Um perfume que subia do jardim... ah, como se fossem hoje, aqueles dias envolventes, em que cada minuto carregava uma surpresa a palpitar - vivi, vivi, e é preciso que tu também vivas. O nosso filho: com ou sem barba, amamos-te. Muito, Custódio. Abraça a tua mãe. (Abraçada ao filho.) A morte é o fim: não podemos mais contar com os mortos para nada. Tanto, o sangue! (Para mudar de assunto, dá um gole no vinho.) Por esta noite chega de pieguices, hem? Ficas mais gordo assim, sem barba.

**Custódio**

Oh, mamã!

**D. Teresa**

Como em pequeno, que felicidade, tu sentado ao meu colo e eu passando-te os dedos pela cara: "A lua é redonda: tem olhos - eram os teus lindos olhos redondos-, tem nariz - o teu nariz realmente pouco belo, mas em ti tudo é perfeito... um beijo! - e tem boca..." oh, vermelhuda como um botão de rosa!

**Custódio**

Mamã, que vergonha com a minha idade!

**D. Teresa**

Vergonha uma barriga dessas com a tua idade, sim! De tal largura... o teu umbigo deve medir um palmo de diâmetro.

**Custódio**

Mãe!

**D. Teresa**

Pouco ligo às tuas birras.

**Custódio**

Mau!

**D. Teresa**

Terás de passar a comer menos - mas isso, todos nós nesta casa. Sobretudo depois da tua noiva ter o bebé... daqui a cinco meses, finais de Abril. Não imagino como sairemos de apuros sem nenhuma herança em vista - para breve, pelo menos. Às vezes chego a rezar para que a tia Eduína morra - mas que morra fulminada, Deus me perdoe, uma coisa rápida, dinheiro que nos caia do céu!

**Custódio**

Isso é uma maldade terrível. A tua noiva...

**D.Teresa**

Sou mulher: não tenho barba nem bigode para me rapar mensalmente a fim de solucionar a nossa crise financeira.

fin III

Pausa.

Vendo o chapéu de Custódio, D.Teresa levanta-se e pega nele.

IV

**D.Teresa**

É o teu chapéu novo? Bonito.

**Custódio**

Que tal?

**D.Teresa**

Bonito, já te disse. E a pluma... vistosa!

**Custódio**

Lá isso... de avestruz.

**D.Teresa**

Nos dias que correm não gostaria de ser essa ave: leques, chapéus... tudo de avestruz. Se pudessemos fazer comércio com os pêlos da tua barba pronto, não falemos mais nisso.

**Custódio**

Custou-me ainda algum dinheiro, o chapéu.

**D. Teresa**

Paciência. Fica-te bem? Não comeces a chorar. A tua noiva...

**Custódio**

Minha mulher, mamã.

**D. Teresa**

Engano-me sempre: claro, mulher, mulher. A Sofia já te viu com ele na cabeça?

**Custódio**

Ainda não. Mas já o viu nas mãos.

**D. Teresa**

Ah... e na cabeça? (Gesto negativo de Custódio.) Põe-no para eu ver. (chapéu como deve ser.)

**Custódio**

Podia ter poupado dinheiro, foi egoísmo: um menos vistoso...

**D. Teresa**

Mas esta madrugada que se aproxima será uma data histórica: depois de sessenta anos de domínio estrangeiro, o nosso país vai finalmente restaurar a sua liberdade.

(Pondo-lhe o chapéu.) Abaixo os Filipes!

**Custódio**

Vivam os Braganças!

**D. Teresa**

(Atrapalhada.) Enganei-me, espera: a pluma deve ser para trás. (um Ramalhete! Tu,

meu filho, és o representante desta casa.

D. Teresa

Paciência. Fica-te bem? Não comeses a chorar. A tua noiva...

Custódio

Minha mulher, mamã.

D. Teresa

Engano-me sempre: claro, mulher, mulher. A Sofia já te viu com ele na cabeça?

Custódio

Ainda não. Mas já o viu nas mãos.

D. Teresa

Ah... e na cabeça? (Gesto negativo de Custódio.) Põe-no para eu ver.

Custódio

Podia ter poucado dinheiro, foi egoísta: um menos visto...

D. Teresa

Mas esta madrugada que se aproxima será uma data histórica: depois de sessenta anos de domínio estrangeiro, o nosso país vai finalmente restaurar a sua liberdade.

(Pondo-lhe o chapéu.) Abaixo os Filipes!

Custódio

Vivam os Braganças!

D. Teresa

(Atrapalhada.) Enganei-me, espere: a pluma deve ser para trás.

**Custódio**

Ao lado.

**D. Teresa**

Sim?

**Custódio**

Agora usa-se ao lado.

**D. Teresa**

Não me digas!

**Custódio**

Os outros, pelo menos, usam todos a pluma deste jeito. (Coloca o chapéu como deve ser.)

**D. Teresa**

Se eles são capazes de libertar um país, hão-de ser igualmente capazes de saber como se usa um chapéu. Agora passeia-te para que eu veja como te fica em andamento. Vá, uma voltinha! (Embora contrariado, Custódio passeia-se pelo escritório.) Muito guapo!

**Custódio**

(Tirando o chapéu da cabeça.) Diga a verdade, mamã: já me imaginou no meio de uma conjuração contra os espanhóis?

**D. Teresa**

Porque não? Um Penalva de Ramalhete é sempre um Penalva e um Ramalhete! Tu, meu filho, és o representante desta casa.

fim IV

Custódio

Ao lado.

D.Teresa

Sim?

Custódio

Agora usa-se ao lado.

D.Teresa

Não me digas!

Custódio

Os outros, pelo menos, usam todos a pluma deste jeito. (Coloca o chapéu como

deve ser.)

D.Teresa

Se eles são capazes de libertar um país, não de ser igualmente capazes de saber

como se usa um chapéu. Agora passeis-te para que eu veja como te fica em

andamento. Vá, uma voltinha! (Empora custódio, Custódio passeis-te pelo

escritório.) Meio guapo!

Custódio

(Tirando o chapéu da cabeça.) Diga a verdade, mamã: já me imaginou no meio de

uma conjunção contra os espanhóis?

D.Teresa

Porque não? Um Penalva de Ramalheite é sempre um Penalva e um Ramalheite Tu,

meu filho, és o representante desta casa.



**Custódio**

(Referindo-se ao chapéu.) O homem da pluma azul! (pausa breve. Dirigindo-se para a secretária.) Nada de bom pode resultar da empresa desta madrugada.

**D.Teresa**

A independência... um passado geralmente de glória, seguida de decadência: o nosso

caso. Terra, isso é esperança no futuro, propriedade: coisa nossa pela qual vale a

**Custódio** até ao fim. Eis porque em Aljubarrota houve participação do povo.

Ora, senhora! esta madrugada deste mês de Dezembro, que se passará? Um abrir e

fechar de portas palaciano - a conju-u-u-ura -, com penas de avestruz nos chapéus e

**D.Teresa** levado pelo mármore das escadarias. Quarenta homens em busca da pátria

A liberdade...

**Custódio**

"... e a pátria desditosa nossa amada" - já pareço um dos conjurados a falar! Só este nome, a conju-u-u-ura, basta para que se me gele o peito. (Senta-se numa cadeira coberta por um lençol.)

... do domínio estrangeiro. Tivemos um antepassado que

se par muito azar! não foi ele a descobrir o Brasil, sabia? Um Penalva. E agora,

**D.Teresa** ...

Um Penalva tem certas obrigações que um Ramalheite não pode recusar: a nobreza

escraviza.

**Custódio** ...

Lá se foi a sua "liberdade" ! (A partir deste momento Custódio e a mãe vão bebendo golinhos de vinho do mesmo copo, sem darem por isso, enquanto conversam.) Há dois séculos e meio, quando Portugal não era ainda uma pátria mas uma terra amada, travámos contra os espanhóis a batalha de Aljubarrota.



V

VI

**D. Teresa**

Qual a diferença entre pátria e terra? (Baixinho, para si.) "A lua é redonda: tem dois olhos..." - hum?

**Custódio**

Pátria refere-se a um passado geralmente de glória, seguida de decadência: o nosso caso. Terra, isso é esperança no futuro, propriedade: coisa nossa pela qual vale a pena lutar até ao fim. Eis porque em Aljubarrota houve participação do povo. Agora na primeira madrugada deste mês de Dezembro, que se passará? Um abrir e fechar de portas palaciano - a conju-u-u-ura -, com penas de avestruz nos chapéus e rapé entornado pelo mármore das escadarias. Quarenta homens em busca da pátria recordada.

**D. Teresa**

**D. Teresa**

(Com espanto.) Que inteligente... logo eu fui ter um filho destes! Digas o que bem disseres, contigo o nosso nome entrará mais uma vez na história nacional - tu, um dos homens que nos sacudiu do domínio estrangeiro. Tivemos um antepassado que só por muito azar<sup>1</sup> não foi ele a descobrir o Brasil, sabias? Um Penalva. E agora, eis-te libertador.

**D. Teresa**

**Custódio**

Mas não se trata disso, mamã! Quando D. João, duque de Bragança, se pôs hesitante sobre se deveria assumir a chefia da...

**Custódio**

**D. Teresa**

Conju-u-u-ura!

**D. Teresa**

Não te exaltes... se fosse verdade, para que se dariam os nobres ao trabalho de

<sup>1</sup> desgraça. Portugal com as Filipas?

**Custódio**

... para em seguida subir ao trono - nessa ocasião, a fim de aliciar a sua cobardia, um dos nossos conjurados excedeu-se; prometeu-lhe um reinado em liberdade, ao que o duque muito logicamente fez notar: "Que ganho eu em ser rei de homens livres?"

**D.Teresa**

Não posso!

**Custódio**

Já vê que a liberdade... (Gesto de quem limpa as mãos.)

**D.Teresa**

O grandessíssimo... duque!

**Custódio**

Nosso futuro rei, pelo qual esta madrugada vamos invadir o paço e hastear a bandeira da nação.

**D.Teresa**

Tu mentes. Se o teu discurso fosse verdadeiro - que gordo, Custódio, cada bochecha...

**Custódio**

Zangamo-nos!

**D.Teresa**

Não te exaltes... se fosse verdade, para que se dariam os nobres ao trabalho de correr de Portugal com os Filipes?

fin I  
VI

Custódio

... para em seguida subir ao trono - nessa ocasião, a fim de aliciar a sua nobreza, um dos nossos conjurados excedeu-se; prometeu-lhe um reinado em liberdade, ao que o duque muito logicamente fez notar: "Que ganho eu em ser rei de homens livres?"

D. Teresa

Não posso!

IV

Custódio

lá vê que a liberdade... (Gesto de quem limpa as mãos.)

D. Teresa

O grandíssimo... duque!

Custódio

Nosso futuro rei, pelo qual esta madrugada vamos invadir o paço e hastear a bandeira da nação.

D. Teresa

Tu mentas? Se o teu discurso fosse verdadeiro - que gordo, Custódio, cada bochecha...

Custódio

Zangamo-nos!

D. Teresa

Não te exaltes... se fosse verdade, para que se darias os nobres ao trabalho de correr de Portugal com os filipenses?

Custódio

(Levanta-se de copo erguido.) Escutai atentamente, senhores, a grande máxima: um aristocrata será sempre um hermafrodita político.

D. Teresa

D. Teresa

(Reparando.) Mas tu tens estado a beber! Um filho meu e, sobretudo, dele...

(Refere-se ao retrato na parede.) Não admito.

(Bebendo pela garrafa.) À saúde da pátria... à sua saúde!

Custódio

(Discursando.) Os nobres portugueses preferem ser patriotas a serem linchados pelo povo.

D. Teresa

(Tirando-lhe o copo.) O copo!

Custódio

(Pegando na garrafa.) A garrafa! (Gesticulando.) A nobreza revolta-se contra sessenta anos de sujeição a Espanha, é certo, mas fá-lo muito contrariadamente: ah, senhores, de maneira nenhuma nós queríamos o que se está a passar.

D. Teresa

D. Teresa

Completamente bêbado, o meu filho! Tu, que nunca aguentaste uma pinga de álcool...

Sofia, grávida, aparece à porta do escritório, segurando num candeeiro. Pára, de olhos no marido, que não dá pela sua presença.

Custódio

(Levanta-se de copo erguido.) Escuzi stentamente, senhores, a grande máxima: um aristocrata será sempre um hermafrodita político.

D.Teresa

(Reparando.) Mas tu tens estado a beber Um filho meu e, sobretudo, dele... (Retira-se ao retrato na parede.) Não admito.

Custódio

(Discursando.) Os nobres portugueses preferem ser patriotas a serem linchados pelo povo.

D.Teresa

(Tirando-lhe o copo.) O copo!

Custódio

(Fregando na garrafa.) A garrafa! (Gesticulando.) A nobreza revolta-se contra sessenta anos de sujeição a Espanha, é certo, mas lê-lo muito contrariadamente: ah, senhores, de maneira nenhuma nós queremos o que se está a passar.

D.Teresa

Completamente bêbado, o meu filho Tu, que nunca aguentaste uma pinga de álcool...

Sofra, grávida, apressa a porta do escritório, segurando num caducéu. Fêz de olhos no marido, que não dá pela sua presença.

Custódio

Senhores, subo à tribuna! (Sobe para cima de uma cadeira.) a expulsar os espanhóis

D.Teresa

Desce! Custódio, desce daí imediatamente... não bebas!

Custódio

(Bebendo pela garrafa.) À saúde da pátria... à sua saudade!

D.Teresa

Desce! (para.) Sofia...

Custódio

A situação presente, senhores, poucas novidades traz consigo: o povo uma vez mais meteu-nos em sarilhos e é o diabo. Porque os nossos discursos visam a glória da pátria - à saudade da pátria! -, ao passo que os populares rosnam apenas sobre os direitos da terra. Esse cheiro característico do povo a.. como definir?... sopa de couves. (Quase se desequilibra.)

D.Teresa

Tu matas-te! Trinta e nove conjurados e o meu filho com uma perna partida.

Custódio, suplico-te...

Custódio

E temos ainda a questão europeia, senhores compatriotas... - à saudade da Europa! (Leva a garrafa à boca, mas ela já se encontra vazia. Abanando-a de gargalo para baixo.) Secou-se a grande terra ocidental.

**Custódio**

(Vendo Sofia.) Avé, esposa! Se não formos nós, os nobres, a expulsar os espanhóis - linda conjura matinal, sem a intervenção da plebe... oh! -, será o povo inteiro a tomar a iniciativa e vai tudo raso: correm connosco, ó esposa, à espanholada! Espadeirada, digo. Os populares revoltam-se não só contra o agravamento dos impostos - dinheiro para Madrid -, mas também contra a nobreza: em Vila Viçosa foi apedrejado o palácio do nosso bom duque, o Bragança. Ou ele se faz rei ou cortam-lhe a cabeça: eis um problema de rápido dilema.

**D. Teresa**

(Para a nora.) Sofia...

**Custódio**

Portugal, avante! (Bebe.)

**D. Teresa**

Cuide a menina dele: veja se o tira de cima da cadeira. A mim não me ouve. Nem creio que me ame. Nem a si nem a ninguém. Um aleijado afectivamente. Nem ao filho, não o saberá amar. Quanto me custa vê-lo neste estado!

Custódio, desequilibrando-se, vê-se forçado a saltar da cadeira e quase tomba pelo chão. Abanando a garrafa, senta-se.

**Custódio**

E temos ainda a questão europeia, senhores compatriotas... - à saudade da Europa! (Leva a garrafa à boca, mas ela já se encontra vazia. Abanando-a de gargalo para baixo.) Secou-se a grande teta ocidental.

**D. Teresa**

(Desviando os olhos do filho.) Acompanha-me dia e noite a sensação de que chegámos à degradação máxima de corpo e de espírito. Quem...? Mais do que isto não se pode: rastejamos no fundo de inúmeros desperdícios.

Quero... (Não se percebe o resto da frase.)

**Custódio**

(Cuidadosamente faz a garrafa rolar pelo chão.) Um dia farei assim com a minha cabeça... uh-uh-uh... - se eu fosse do povo! Ah, se eu pudesse apedrejar o palácio de D.João de Bragança e insultá-lo cara a cara. O pior insulto: "O senhor come enquanto o povo passa fome!"

Quero a minha barba de volta! A barba e o meu bigode! Vai buscá-los para mim.

**D. Teresa**

Sofia, ele refere-se ao nosso futuro rei. (Custódio tapa o rosto com as mãos, desesperado.) Eu não suporto mais: a dor do meu filho mata-me aos poucos. Eu sei o que é um homem deixar-se morrer.

**Custódio**

**Sofia** bigode farfaldado, que me ficava tão bem.

(Com o gesto de quem deseja ficar só com o marido.) Por favor, senhora.

**Sofia**

**D. Teresa** (com miguice na voz.) Crescer-te-á outro.

Ele está condenado.

**Custódio**

**Sofia** quero aquele! (Pausa. Com mimo.) Dá um beijinho no meu doido para que

Vá buscar a espada para a cerimónia. O Custódio comportar-se á como um homem, asseguro-lhe.

**Sofia**

D. Teresa sai.

Pausa longa.

Custódio continua com o rosto entre as mãos.

fin VI

D. Teresa

(Desviando os olhos do filho.) Acompanha-me dia e noite a sensação de que chegámos à degradação máxima de corpo e de espírito. Quem...? Mais do que isto não se pode: tratámos no fundo de inimigos desperdiçados.

Custódio

(Cuidadosamente faz a barba e depois volta a olhar para Sofia.) Um dia farei assim com a minha cabeça... uh-uh-uh... - se eu fosse do povo! Ah, se eu pudesse apedrejar o palácio de D. João de Bragança e insultá-lo cara a cara. O pior insulto: "O senhor como empunha o povo pelas fêmeas!"

D. Teresa

Sofia, ele refere-se ao nosso futuro rei. (Custódio tapa o rosto com as mãos, desapercebido.) Eu não suportaria mais a dor do meu filho mata-me aos poucos. Eu sei o que é um homem deixar-se morrer.

Sofia

(Com o gesto de quem deseja ficar só com o marido.) Por favor, senhor.

D. Teresa

Ele está cansado.

Sofia

Vá buscar a espada para a cerimónia. O Custódio comporta-se à como um homem, asseguro-lhe.

D. Teresa sai.

Pausa longa.

Custódio continua com o rosto entrecostado.

Sofia

(Ajoelhando-se diante do marido, com meiguice.) Pronto, pronto.

Custódio

Quero... (Não se percebe o resto da frase.) Toma tens lenço. (Estende-lhe um lenço.)

Toma.

Sofia

Que foi?

(Assando-se.) Sempre ríspida para mim. Como se eu fosse... (Devolve o

Custódio) Tratas-me à bruta! A manhã, não - e acha que eu fico mais gordo sem

Quero a minha barba de volta! A barba e o meu bigode! Vai buscá-los para mim.

Sofia

(Desajoelhando-se.) Custódio.

Custódio

O meu bigode farfalhudo, que me ficava tão bem.

Sofia

(Agora sem meiguice na voz.) Crescer-te-á outro.

Custódio

Mas eu quero aquele! (Pausa. Com mimo.) Dá um beijinho no meu doidói para que passe... (Mostra a cabeça de um dedo.) Ela reduz-me ao mais frágil de

min. Pobre mamã, isto remorso de a não amar como mereço.

Sofia

Ficas mais magro de cara rapada.

Tu cansas-me. Estamos casados há... - quantos meses? -, e o cansaço é tamanho.

Ou antes, o desalento: um abandono dos sentidos. Ando por esta casa à deriva de ti.

**Custódio**

A sério? *(Enjoando-se.)* Não tenho dado a felicidade? És uma mulher forte, apesar das aparências.

**Sofia**

Precisas de assoar-te. Não tens lenço, nunca tens lenço. *(Estende-lhe um lençinho.)*

Toma.

**Custódio**

**Custódio** *(marido - também isso. (Pausa.)* Queres ver-me com o chapéu novo? *(Pega (Assoando-se.)* Sempre ríspida para mim. Como se eu fosse... *(Devolve o lençinho.)* Tratas-me à bruta! A mamã, não - e acha que eu fico mais gordo sem pêlos: com cara de lua cheia.

**Sofia**

**Sofia** *(mim de nós dois tem sido feliz, eis a verdade.)*

Os eternos juízos da madre.

*(Custódio vai abraçar a mulher.)*

**Custódio**

A mamã não tem segredos comigo.

**Custódio**

**Sofia** *(fia-fia, é tanta a vergonha de eu ser isto que sou! No entanto, sei-me melhor Óptimo! Como tu aprecias ser humilhado, está perfeito. Como esse pai que me morreu tão cedo! (Com voz sumida.)* Adopta-me.

**Custódio**

*(Suspirando.)* No entanto... ufa!, às vezes creio que a odeio um bocadinho: uma coisa deste tamanho. *(Mostra a cabeça de um dedo.)* Ela reduz-me ao mais frágil de mim. Pobre mamã, sinto remorsos de a não amar como merece.

**Custódio**

**Sofia** *(pelo mundo a suplicar que me adoptem. Sofia, alguém que me lance a mão. Tu cansas-me. Estamos casados há... - quantos meses? -, e o cansaço é tamanho. Ou antes, o desalento: um abandono dos sentidos. Ando por esta casa à deriva de ti.*



**Custódio**

Não te tenho dado a felicidade? És uma mulher forte, apesar das aparências.

**Sofia**

Mas tu desalentas-me! (Pausa.) Desculpa, não sei o que me passou pela cabeça.

**Custódio**

Um mau marido - também isso. (Pausa.) Queres ver-me com o chapéu novo? (Pega nele.) A mamã acha que eu fico muito guapo. (Põe-no na cabeça, dá alguns passos, mas logo o tira.) Odeio a mamã... e o chapéu.

**Sofia**

Nenhum de nós os dois tem sido feliz, eis a verdade.

Custódio vai abraçar a mulher.

**Custódio**

Sofia-fia-fia, é tanta a vergonha de eu ser isto que sou! No entanto, sei-me melhor do que julgam: capaz de actos... - oh, apenas um fraco como esse pai que me morreu tão cedo! (Com voz sumida.) Adopta-me.

**Sofia**

Como?

**Custódio**

Ando pelo mundo a suplicar que me adoptem. Sofia, alguém que me lance a mão, me leve consigo, me proteja.

**Sofia**

(Meigamente.) Sempre covarde, tu.

**Custódio**

*FMI*  
Como o nosso filho, gostaria de estar aninhado no teu ventre, muito quietinho sem nada ouvir: olhos cerrados no calor da carne...- adopta-me, sim?

**Sofia**

(Sempre meiga.) Covarde, covarde... *...amor de Deus.*

**Custódio**

(largando a mulher.) Do que eu estou necessitado, sabes?, é de um heroísmo interior, o único que verdadeiramente conta. Correr o risco de ser homem: revelar a grandiosidade que, por certo, haverá dentro de mim. Compreendes-me?

**Sofia**

**Sofia** *(desabafo.)* Que casa essa! E dar-te à luz uma criança à sombra deste heroísmo. Não. *...luz, mais luz para nós os dois. (Leva as mãos ao ventre.)*

**Custódio** *Pausa.*

Esse meu filho também me não compreenderá, paciência. Esmaga-me a vergonha de mim mesmo: quero ser um herói e ter a minha barba! Não me olhes desse jeito: o animal está completamente só.

**Sofia**

A barba, já to disse, ela há-de crescer.

*Não recometas.*

**Custódio**

E eu serei sempre este desperdício de... - não me ocorre outra palavra aos lábios, que não seja: este desperdício de beleza. (Pausa.) Tu nunca me amaste.

**Sofia**

(Sorrindo.) Agora é tarde para isso. livremente, então. Juro-te: morrerá pela tua felicidade - e pela do meu filho. Oxalá ele me despreze, se souber... (Cala-se.)

**Custódio**

Apenas sentes piedade pela infância que me acompanha e me põe nu à vista de todos. (Leve ironia.) Não acredito na beleza das palavras que te ocorrem aos lábios.

fin VII

**Sofia**

Convence-te de que és um homem, por amor de Deus.

VIII

**Custódio**

O meu desejo mais inesgotável - tem graça... - é ser adoptado pelo meu filho ou adoptá-lo eu. "Pai", não saberei como se faz.

**Sofia**

(Num desabafo.) Que casa esta! E darei à luz uma criança à sombra deste heroísmo: mais luz, mais luz para nós os dois. (Leva as mãos ao ventre.)

IX

**D. Teresa**  
A velha em Pausa. Ramalhete: chegou o momento de tu a empunhares, Custódio. (Apanha a garrafa que estava pelo chão.) Espero que não haja mais d'isto nesta casa.

**Custódio**

Talvez eu morra esta madrugada, ferido por um dos guardas do paço real. Seria bem melhor para todos. Nenhuma pessoa que me lamentasse.

**Sofia**

Não recomeces. minha! eu trouxe o vinho para o escritório. Mas não bebamos mais, é uma decisão tomada para sempre. Sofia, não entrará mais alcool pelas nossas portas... a não ser para uma saúde pelo nascimento do meu neto: um brinde à tua boa estrela.

**Custódio**

Confessa que o desejas. Respirarias livremente, então. Juro-te: morrerai pela tua felicidade - e pela do meu filho. Oxalá ele me despreze, se souber... (Cala-se.)

**Sofia**

(Com leve ironia.) Não acredito na beleza das palavras que te ocorrem aos lábios.

**Custódio**

(Resignado.) Pois nem eu mesmo acredito nelas...

**Sofia**

Tolo! A criança nascerá nesta casa e nós os dois, lado a lado, dar-lhe-emos uma educação que faça dela um homem. Com coragem suficiente para ser infeliz, se for esse o caso.

fin VIII

IX

Entra D. Teresa carregando com uma grande espada.

**D. Teresa**

A velha espada dos Ramalhetes: chegou o momento de tu a empunhares, Custódio. (Apanha a garrafa que estava pelo chão.) Espero que não haja mais disto nesta casa.

**Custódio**

Juro-lhe, minha mãe.

**D. Teresa**

Que a culpa foi minha: eu trouxe o vinho para o escritório. Mas não beberemos mais, é uma decisão tomada para sempre. Sofia, não entrará mais álcool pelas nossas portas... a não ser para uma saúde pelo nascimento do meu neto: um brinde à sua boa estrela.

Custódio

Confessa que o desejo. Respirarás livremente, então. Juro-te: morrerai pela tua felicidade - e pela do meu filho. Oxalá ele me despreze, se souber... (Cala-se.)

Sofia

(Com leve ironia.) Não acredito na beleza das palavras que te ocorrem aos lábios.

Custódio

(Resignado.) Pois nem eu mesmo acredito neias...

Sofia

Tolo! A criança nasceu nesta casa e nós os dois, lado a lado, dar-lhe-emos uma educação que faça dela um homem. Com coragem suficiente para ser infeliz, se for caso o caso.

Custódio

Então D. Teresa entregando com uma grande espada.

D. Teresa

A velha espada dos Ramalheiros: chegou o momento de tu a empunhares, Custódio. (Aparia a garrafa que estava pelo chão.) Espero que não haja mais disto nesta casa.

Custódio

Juro-lhe, minha mãe.

D. Teresa

Que a culpa foi minha: eu trouxe o vinho para o escritório. Mas não bebemos mais, é uma decisão tomada para sempre. Sofia, não entres mais álcool pelas nossas portas... a não ser para uma saúde pelo nascimento do meu neto: um príncipe à sua dos castela.

Sofia

Assim seja. *(melhor prescindirmos do ceremonial.)*

Custódio

Dê-me a garrafa vazia, mamã. *(cavaleiro por mim neste escritório. Perto do retrato dele, que certissimamente nos está a ver do Céu. Bem que se podiam tirar os lençóis dos móveis, mas o que conta é o espírito que nos anima.)* (Coloca-se perto

D. Teresa

(Não,) meu filho, meu sangue: dou-te a espada dos teus antepassados! Ajoelha-te para a cerimónia... Há mais de vinte anos que ninguém entrava no escritório do teu falecido pai, mas este é o local apropriado - já que o tecto da capela ruiu, *(tristezas... enfim!)* (Para Sofia.) Menina, ponha a garrafa a um canto e tu, Custódio, embora já sejas um homem feito - trinta e dois anos...

Custódio

E quatro, mamã.

D. Teresa

(Espantada.) "E quatro?", não pode ser! Pois eu então... acabo de envelhecer dois anos de repente. Deves estar enganado: trinta e quatro!

Custódio

Já não tenho muita idade para que me armem cavaleiro - e com esta barriga! Quase maior do que a da Sofia.

D. Teresa

Afinal, onde o espanto? Se é a barriga própria de um homem com idade para ser avô, eu bisavó - coisa medonha!

Custódio

*(Preferível desistirmos, confesso.)*

**Custódio**

Talvez seja melhor prescindirmos do ceremonial.

**D. Teresa**

Nunca, lá isso... Serás armado cavaleiro por mim neste escritório. Perto do retrato dele, que certissimamente nos está a ver do Céu. (Bem que se podiam tirar os lençóis de cima dos móveis, mas o que conta é o espírito que nos anima.) (Coloca-se perto do retrato do marido, a espada erguida.) Avança, Custódio de Barbosa Penalva e... - agora põe-te de joelhos.

Custódio ajoelha-se diante da mãe.

Sofia, pouco interessada, senta-se numa cadeira.

Pausa.

**D. Teresa**

(com esforço, para encontrar as palavras certas.) Meu esposo, que tão cedo me trocaste pela companhia dos bem-aventurados, tinha esta criança apenas dez anos, num país sob o domínio dos nossos vizinhos - eu eduquei-o o melhor que pude, e ei-lo, aqui está diante dos teus olhos: é este.

**Custódio**

(Incomodado com o que ouviu.) Mamã...

**D. Teresa**

(Baixando a espada.) Dou-te toda a razão, estou sem jeito para improvisar um discurso à altura dos acontecimentos. (Que queres que eu faça? Ver-te assim de joelhos com trinta e quatro anos...)

**Custódio**

É Preferível desistirmos, (confesse.)

**D. Teresa**

De maneira nenhuma. (Olhando para Sofia.) A tua noiva não é capaz de se pôr de pé, ao menos durante a cerimónia?

**Sofia**

Estou muito bem assim.

**D. Teresa**

Trata-se do meu filho armado cavaleiro - eu deveria ter escrito um discurso numa folha de papel para agora lê-lo. Seria facilimo. Um as palavras dignas desta hora solene.

**Sofia**

(Fechando os olhos, recita.) "Eu sou uma pobre viúva a quem Deus privou de toda a força e amparo neste mundo. E sou mãe, e tenho estes filhos que proteger; e a memória e o nome de meu marido que honrar. Mas Deus, que me deixou a fé para crer e a esperança para confiar nele, que me deixou este coração de mulher portuguesa aqui no peito, não me há-de faltar com outro amparo e fortaleza que não é deste mundo, e vale mais e pode mais."<sup>2</sup>

→ pg. 32

**D. Teresa**

Bravo! Agora, Custódio, de joelhos!

**Custódio**

(Continuando ajoelhado.) Mas, mamã...

<sup>2</sup> Passagem da peça *D. Filipa de Vilhena*, de A. Garrett.

**D. Teresa**

Claro, claro, não faças caso. (Respirando fundo, ergue a espada.) Meu filho (único infelizmente, que eu sempre desejei ter pelo menos cinco... Bom,) escuta: braços vigorosos de reis portugueses armaram cavaleiros nos campos de batalha os teus antepassados, os Penalvas, os Barbosas e os Ramalhetes. (Foi em Ceuta que um deles...)

**Custódio**

Mãe, por favor! Olhe que já se vai fazendo tarde.

**D. Teresa**

"Tarde"?

**Custódio**

Ou cedo: às seis da madrugada terei de estar no palacete de D. Jerónimo, Conde da Torre Nova. É aí o encontro dos conjurados, para em seguida nos dirigirmos ao paço.

**D. Teresa**

(Baixando a espada.) Se estás com essa pressa toda...

**Custódio**

(Mas) não: quero que (a mamã) me arme cavaleiro.

**D. Teresa**

Se te esperam...

**Custódio**

Insisto: diante do retrato, pelas suas mãos.



D. Teresa

D. Teresa

Ó meu querido! Pois então eu - vou desatar a chorar -, Teresa Vitória de Barbosa Penalva e Ramalhete - já estou com os olhos rasos de lágrimas -, eu amo-te e armo-te cavaleiro { preciso assoar-me, tem paciência, um lenço, treme-me a voz... pronto! }

D. Teresa

→ Sofia, ps. 30

Custódio

Não se esqueça de me dar com a espada no ombro: é indispensável.

D. Teresa

(Atrapalhada, procurando um lenço.) (E depois nunca trago lenços comigo...) - sim, ergue-te cavaleiro aos meus ombros! (Dá com a espada no ombro de Custódio.) Usa sempre esta espada em defesa da nossa pátria, meu filho, pois não é isso que está em causa? O futuro do nosso passado. (Soluça, entregando a espada ao filho.)

fim IX

(X)

Custódio

(Abraçando-a.) Minha querida mãe!

D. Teresa

Cautela, que te cortas com essa lâmina, criança!

Custódio

Sou tão feliz!

D. Teresa

Também eu: sempre que choro sinto-me felicíssima.

Custódio

Sofia, não mereço um beijo?

**D. Teresa**

Ao seu noivo, menina... que mania: ao seu marido.

**Custódio** Sofia levanta-se e os três estreitam-se num abraço.

(Aproximando-se de Sofia.) Minha muito, muito querida mulher. (Abraça-a. Em

**D. Teresa** Agora cerra-te as pálpebras com dois beijos, está bem?

(Para a nora.) Por acaso, um lenço de assoar...? (Sofia entrega-lhe o seu lencinho.)

**Sofia**

**Custódio** morras, Custódio. (Colocando a mão do marido no ventre.) Nós

O que nos salva é que somos os três muito unidos e nos amamos muito.

**Sofia**

(Desfeito o abraço.) Custódio, vê que se faz tarde. (Devem ser perto das cinco e meia da madrugada.)

**Custódio**

Parto já. (Cinge a espada e pega no chapéu.)

**D. Teresa**

O meu herói... (Abrindo os braços.) Um beijo de despedida e a minha bênção.

**Custódio**

Primeiro tenho uma surpresa para as duas.

**Sofia**

(Desconfiada.) Custódio...

**Custódio**

Uma surpresa! Fechem os olhos e só os abram quando eu mandar.

**D. Teresa**

(Obedecendo.) Já não vejo nada, absolutamente.

(Lentamente senta-se na cadeira de há pouco, desalentada.)

**Custódio**

(Aproximando-se de Sofia.) Minha muito, muito querida mulher. (Abraça-a. Em voz baixa.) Agora cerro-te as pálpebras com dois beijos, está bem?

**D. Teresa**

**Sofia** (alguns passos lá atrás pelo escritório.) Já posso abrir? Custódio, já posso?

Não me morras, Custódio. (Colocando a mão do marido no ventre.) Nós precisamos de ti.

Depois de as duas mulheres terem os olhos fechados, Custódio aproxima-se do retrato do pai, beijando-lhe sentidamente a moldura.

**D. Teresa**

Já podemos abrir os olhos? Que surpresa, meu filho? Já?

Tendo beijado a moldura, Custódio afasta-se, faz uma vénia rasgada e divertida diante das duas mulheres, com grandes voos do seu chapéu de pluma azul, e sai rápida e silenciosamente. Pausa.

**D. Teresa**

(Continuando com os olhos fechados.) Então, Custódio, podemos abrir?

SEGUNDO ACTO

Sofia

(Olhando por fim à sua volta.) A surpresa... nem teve coragem para despedir-se.)

(Lentamente senta-se na cadeira de há pouco, desalentada.) ? "Não me morras"

Sofia, sentada, cose lentamente um vestido.

D. Teresa vai tirando os lençóis que cobrem a mobília: pára diante de  
Nova pausa.

Silêncio.

D. Teresa

(Dando alguns passos às cegas pelo escritório.) Já posso abrir? Custódio, já posso?

(Canta baixo.) Na lua uma formiguinha

(Quem sabe o que lá fazia?)

olhava pra Terra, triste,

e a si mesma se dizia:

"Quem me dera duas asas,

quem me dera ser galinha,

pra voar até à Terra,

quem me der, dera, dera!"

Pausa.

Sofia continua a coser.

D. Teresa, com os lençóis espalhados pelo chão, olha para todos os  
móveis à vista.

D. Teresa

Curioso como os objectos permanecem - isso mesmo, o simples facto de  
permanecerem. (Passando as mãos pelo tempo de uma mezinha.) Será então isto a  
eternidade? Uma austacia total de entrada - e nós sofremos e calamos e  
envelhecemos diante dos objectos, que permanecem. Tão lisos, eles... tão  
insensíveis para com a nossa dor, as suas arestas! Curioso e trágico. (Apechando os  
lençóis.) Mas de que estou eu a falar? Sofremos e falamos e é como se calássemos.  
(Vai colocar os lençóis a um canto. Sacudindo o seu vestido.) Afinal, apenas pó,  
como acertam os padres. (Senta-se perto da noiva.)

## SEGUNDO ACTO

Noite.

O escritório à luz de dois candeeiros.

Sofia

Sofia, sentada, cose lentamente um vestido.

(Canta.)

D.Teresa vai tirando os lençóis que cobrem a mobília: pára diante de cada novo móvel que lhe surge à vista, para depois recomeçar.

Silêncio.

Sofia

(Canta baixo.) Na lua uma formiguinha

(Quem sabe o que lá fazia?)

olhava prà Terra, triste,

e a si mesma se dizia:

"Quem me dera duas asas,

quem me dera ser galinha,

pra voar até à Terra,

quem me der, dera, dera!"

Sofia

(A coser.) Pausa.

Sofia continua a coser.

D.Teresa, com os lençóis espalhados pelo chão, olha para todos os móveis à vista.

D.Teresa novo, reprimindo a custo um grito.)

Curioso, como os objectos permanecem - isso mesmo, o simples facto de permanecerem. (Passando as mãos pelo tampo de uma mesinha.) Será então isto a eternidade? Uma ausência total de enredo - e nós sofremos e calamos e envelhecemos diante dos objectos, que permanecem. Tão lisos, eles... tão insensíveis para com a nossa dor, as suas arestas! Curioso e trágico. (Apanhando os lençóis.) Mas de que estou eu a falar? Sofremos e falamos e é como se calássemos. (Vai colocar os lençóis a um canto. Sacudindo o seu vestido.) Afinal, apenas pó, como acertam os padres. (Senta-se perto da nora.)

SEGUNDO ACTO

Notas.  
O escritório é luz de dois candeeiros.  
Sofia, sentada, cose lentamente um vestido.  
D. Teresa vai tirando os lençóis que cobrem a mobília: para diante de cada novo móvel que lhe surge à vista, para depois recomegar.  
Silêncio.

(I)

(Canta baixo.) Na lua uma formiguinha  
(Quem sabe o que lá fazia?)  
olhava pra Terra, triste,  
e si mesma se dizia:  
"Quem me deu duas asas,  
quem me deu set galinha,  
pra voar até à Terra,  
quem me deu, deu, deu!"

CANÇÃO

Pausa.  
Sofia continua a coser.  
D. Teresa, com os lençóis espalhados pelo chão, olha para todos os móveis à vista.

D. Teresa  
Curioso, como os objectos permanecem - isso mesmo, o simples facto de permanecerem. (Passando as mãos pelo tempo de uma mezinha.) Será então isto a eternidade? Uma suspensão total de tempo - e não sofrimentos e calmaria e envelhecemos diante dos objectos que permanecem. Tão lisos, eles... tão insensíveis para com a nossa dor, as suas angústias, o trágico e trágico. (Apertando os lençóis.) Mas de que estou eu a falar? Sofrimentos e calmaria e é como se existamos. (Vai colocar os lençóis a um canto. Sacudindo o seu vestido.) Afinal, apenas eu como os outros os outros. (Senta-se perto da porta.)

D. Teresa Nova pausa.

Essa cantiga da lua e dos desejos - assim qualquer coisa... - lembra-me quando eu

Sofia

(Canta.) Coitada da formiguinha,  
ignorava o seu desejo  
(quem a mandou ser lunar?).  
Duas asas de galinha  
não lhe servem para voar:  
coitadinha-inha-inha... ai!

segue  
CANÇÃO

(Picando-se com a agulha, leva o dedo ferido à boca.)

(Com alguma inveja.) Eu também já tive esses seus picanove anos!

D. Teresa

(Ainda não são onze e vinte e três)

Acabem-se as costuras, menina. Não dormiu esta noite e são quase sete horas.

Descanse a vista.

Sofia

(A coser.) Coitada da formiguinha  
(quem a mandou ser lunar?).  
Duas asas de galinha  
não lhe servem para voar!

segue  
CANÇÃO

(Pica-se de novo, reprimindo a custo um grito.)

(Sentando-se, olha finalmente para a sogra.) É a quem me iria eu queixar? (Recorri

D. Teresa

Bem feito.

D. Teresa Pausa.

Está com mudas dos seus pais: é próprio do seu estado. Ficamos piagas e assustadas à medida que a barriga se nos vai aumentando.

**D. Teresa**

Essa cantiga da lua e dos desejos - assim qualquer coisa... - lembra-me quando eu era criança: "Quem sabe o que lá fazia?" (A nora arruma num cestinho as linhas e a agulha; ainda não olhou uma vez sequer para a sogra.) Não se apoquente, eu evitarei o mau gosto de lhe contar a minha infância. Quase (sete horas do fim da noite mais longa... nem sei o que digo. Esperemos pacientemente.

Sofia levanta-se e observa o vestido na ponta dos seus braços estendidos; depois cola-o ao corpo.

**D. Teresa**

(Com alguma inveja.) Eu também já tive esses seus dezanove anos!

**Sofia**

Com a cintura assim alargada, creio que o vestido me dará para mais uns meses. No meu estado não posso sair de casa: ninguém notará que só tenho dois vestidos para a minha inteira gravidez.

**D. Teresa**

Queixa-se, a menina?

**Sofia**

(Sentando-se, olha finalmente para a sogra.) E a quem me iria eu queixar? (Recebi do meu marido dois brincos de pérolas pelo casamento:) a minha família... - magníficos, magníficos!

**D. Teresa**

Está com saudades dos seus pais: é próprio do seu estado. Ficamos piegas e assustadiças à medida que a barriga se nos vai aumentando.

**Sofia**

Cale-se, senhora! (Pausa.) Sempre noite. Estes candeeiros parecem irritar a escuridão e o frio. Se o meu filho terá medo dentro de mim!

D. Teresa

**D. Teresa** ... vem-nos de Espanha, como o Tejo. (Fechando a janela com súbita) És uma criança, pobre Sofia. (Em silêncio, vai apagar os dois candeeiros.) Pronto: não amanhecerá mais cedo, mas ao menos não veremos o rosto uma da outra.

Sofia

Depois dos candeeiros apagados, apenas se notam as sombras das duas mulheres.

**Sofia**

Desculpe, há pouco. Fui rude.

**D. Teresa**

Estou habituada, não liguemos a isso. (A sua sombra vai até à janela.) Nem uma luz, ainda que trémula, para consolo de Lisboa: ou todos dormem ou todos são infelizes como nós as duas - as três: que ser Lisboa é uma infelicidade tamanha... apenas noite. (Abre a janela de par em par.)

**Sofia**

Por favor. Eu tenho muito frio de repente.

**D. Teresa**

E eu tenho dó da minha cidade. Fecho as pálpebras e não a vejo nem a consigo imaginar; abro-as e não a vejo e também e sempre, nunca a consigo imaginar. Amo Lisboa às cegas, pelo tacto e pelo pivete!

D. Teresa Ouve-se uma única badalada de um sino. → MÚSICA?



Sofia

Calas, senhor! (Pausa.) Sempre noite. Estes candeeiros parecem irritar a  
escurecido e o frio. Se o meu filho tem medo dentro de mim!

D. Teresa

É uma criança, pobre Sofia. (Em silêncio, vai apagar os dois candeeiros.) Pronto:  
não amanhocará mais cedo, mas ao menos não venham o rosto uma da outra.

Depois dos candeeiros apagados, apenas se notam as sombras das duas  
mulheres.

Sofia

Desculpe, há pouco. Foi tarde.

D. Teresa

Estou habituada, não ligamos a isso. (A sua sombra vai até à janela.) Nem uma  
lux, ainda que tremula, para consolar de Lisboa: ou todos dormem ou todos são  
infelizes como nós as duas - as três: que ser Lisboa é uma infelicidade tamanha...  
apenas noite. (Abre a janela de par em par.)

Sofia

Por favor, há tanto tempo frio de repente.

D. Teresa

É eu tenho dó da minha cidade. Fecho as palpebras e não a vejo nem a consigo  
imaginar: abro-as e não a vejo e também e sempre, nunca a consigo imaginar. Amo  
Lisboa às cegas, pelo tacto e pelo pivete!

Ouve-se uma única balada de um sino.

Sofia

Um sino! Alguém vive ainda.

D. Teresa

Muito longe... vem-nos de Espanha, como o Tejo. (Fechando a janela com súbita  
decisão.) Antes o rio secasse e acabava-se com esta raiva!

Sofia

Sofia

Tenho frio.

D. Teresa

D. Teresa

É aguentá-lo de boca calada!

fim I

II

Pausa longa.

A sombra de D. Teresa senta-se ao lado da sombra de Sofia.  
O recitativo seguinte será dito como uma balada.

Sofia

Sofia

Esta madrugada, (primeiro de Dezembro) quarenta fidalgos forçarão os guardas do  
palácio real.

D. Teresa

Quarenta chapéus, quarenta plumas de avestruz.

Sofia

Irrompendo de surpresa pelo paço, quarenta fidalgos abaterão o secretário de Estado  
(Miguel de Vasconcelos).

D. Teresa

O homem dentro de

Escondido num armário, sem chapéu por estrear, sem pluma de avestruz.

**Sofia**

Exigirão (da Duquesa de Mântua) esses quarenta fidalgos...

**D. Teresa**

Enquanto os filhos do povo se preparam para o trabalho.

**Sofia**

... ordens para que se evite resistência na cidade.

**D. Teresa**

Andarão apregoando padeiras o seu pão - e as peixeiras, pelas ruas de Portugal restaurado.

Pausa.

**Sofia**

Que tudo corra como desejamos! (Benze-se rapidamente.) Se o golpe dos conjurados tiver sucesso, uma salva de artilharia (far-se-á ouvir) desde o castelo de S. Jorge - mas até esse momento...

**D. Teresa**

As mulheres encontram-se sempre à espera: esperemos, pois. Ou de um filho ou de um marido ou de uma desgraça. É sina nossa.

**Sofia**

Eu não suportaria o desgosto de trazer uma filha dentro de mim.

**D. Teresa**

O universo dos homens é governado por Deus e pelo azar<sup>3</sup>, o mundo feminino é ocupado pelo medo e pela maternidade: alarguemos a cintura aos vestidos usados... desgraçadas de nós!

**Sofia**

(Baixinho)

Na lua uma formiguinha

**D. Teresa**

(Quem sabe o que lá fazia?)

**Ex. frasal**

olhava prà Terra, triste,

e a si mesma se dizia:

**Sofia**

"Quem me dera duas asas,

**Calc-se! Quem**

quem me dera ser galinha,

pra voar até à Terra,

**D. Teresa**

quem me der, dera, dera!"

Uma mulher mal escolhida para o meu filho.

CANÇÃO

fim II

III

**D. Teresa**

O que as nossas palavras ditas às escuras têm de bom é que não perturbam o silêncio. Ao contrário, é o próprio silêncio que conversa - quase, que se confessa.

**Sofia**

Agora preferiria ter um candeeiro aceso.

**D. Teresa**

Não.

**Sofia**

(Levanta-se.) Vou chamar um criado.

<sup>3</sup> desgraça.

D. Teresa  
 O universo dos homens é governado por Deus e pelo azar, o mundo feminino é ocupado pelo medo e pela maternidade: alguns nos vestem e outros nos desvestem de nós!

Sofia  
 (Baixinho)  
 Na tua tua formiguinha  
 (Quem sabe o que lá fazis?)  
 olhava pra Terra, triste,  
 e a si mesma se dizia:  
 "Quem me deu duas asas,  
 quem me deu ser galinha,  
 pra voar até à Terra,  
 quem me deu, deu, deu!"

D. Teresa  
 O que as nossas palavras dizem às escutas têm de bom é que não perturbam o silêncio. Ao contrário, é o próprio silêncio que convence - quase, que se convence.

Sofia  
 Agora prefiro ter um candeeiro aceso.

D. Teresa  
 Não.

Sofia  
 (Levanta-se.) Vou chamar um criado.

**D. Teresa**

Nenhum te poderá ouvir: eu proibi-os de se aproximarem desta parte da casa. E tu não terás coragem de abandonar o escritório, aqui.

**Sofia**

Não me trate por "tu".

**D. Teresa**

És fraca!

**Sofia**

Cale-se! Quero um pouco de luz.

**D. Teresa**

Uma mulher mal escolhida para o meu filho.

**Sofia**

Esse cobarde do seu filho! Há-de haver luz... (Avança para a porta.)

**D. Teresa**

Nem mais um passo: é aqui que temos de esperar por ele.

**Sofia**

(Pára. Com voz sumida.) Eu odeio a senhora.

**D. Teresa**

E eu odeio-me a mim também. Mas a raiva, isso para as mulheres é salutar: às jovens desperta o cio e às velhas, enrijece-as.

**Sofia**

Que amanhã, meu Deus! (Dando passos ao acaso.) Darei o meu filho à luz e morrerei de seguida. Muita paz, como um imenso vestido: vestir-me-ei de paz. Que me ilumine! (Pausa. Para o retrato do sogro, com simplicidade.) Algo mais exige esta casa de mim?

**D. Teresa**

Uma boa mentira. Isso mesmo: que a menina aprenda a mentir dia após dia. Como eu: mentir até ao fim. Lisboa do pivete! (Referindo-se ao retrato.) Julga que esse teve um belo suicídio com um tiro e pronto? Primavera, eu entrando por aquela porta e vê-lo morto - herói e vítima das bebedeiras, das amantes, da penúria? Mentira! (Pausa longa.) Pois eu tenho mentido estes anos todos para que o meu filho nunca saiba.

**Sofia**

Não se suicidou, o pai?

**D. Teresa**

Se chamarmos isso ao espectáculo dos meus olhos... Um fracassado que aos poucos - o tempo como farrapos - foi abandonado pela vida. Pelos cantos da casa, como um espectro. Sem motivo, sem dor, arrastando-se... porquê? Nunca o soubemos, ele nunca o soube. Deixou de comer e de trocar de roupa: as calças molhadas de urina da véspera - um animal! Médicos, mas que médicos para quem desaprendeu a articular o seu próprio nome? Roçando-se pelas paredes, a cabeça rapada - porquê? - de encontro à ombreira das portas... Menti, mentirei até ao fim. Sem cura porque não se tratava de uma doença: anormalidade feita gente. Esse retrato, sabe-se lá de quem: em troca do meu dinheiro, que me pintassem um homem de aspecto fidalgo - e por baixo o nome de Custódio Maria Penalva de Ramalhete, o pai!

Sofia

Que amanhã, meu Deus! (Dando passos ao acaso.) Darei o meu filho à luz e  
monstros de seguida. Muita paz, como um imenso vestido: vestir-me-ei de paz. Que  
me ilumine! (Pausa. Para o retrato do sogro, com simplicidade.) Algo mais exige  
esta casa de mim?

D. Teresa

Uma boa mentira. Isso mesmo: que a menina aprenda a mentir dia após dia. Como  
eu: mentir até ao fim. (Lê o livro do givert.) (Retornando-se ao retrato.) Julga que esse  
teve um belo suicídio com um tiro e pronto? Primavera, eu entrando por aquela  
porta e vê-lo morto - hã! e vítima das pedreiras, das amantes, das pedras?  
Mentira! (Pausa longa.) Pois eu tenho mentido estes anos todos para que o meu  
filho nunca saiba.

Sofia

Não se suicidou, o pai?

D. Teresa

Se chamamos isso ao espectáculo dos meus olhos... Um fracasso que aos poucos  
- o tempo como farrapos - foi abandonado pela vida. Pelos cantos da casa, como um  
espectro. Sem motivo, sem dor, arrastando-se... porque? Nunca o soubermos, eis  
nunca o souber. Deixou de comer e de trocar de roupa: as calças molhadas de urina  
de véspedes - um animal! Médicos, mas que médicos para quem despendeu a  
articular o seu próprio nome? Responde-se pelas paredes, a cabeça tapada - porque?  
- de encontro à omissão das portas... Mentir, mentir até ao fim. Sem cura porque  
não se tratava de uma doença: normalidade feita gente. Esse retrato, sabe-se lá de  
quem: em troca do meu diácono, que me pintassem um homem de aspecto fidalgo -  
e por baixo o nome de Custódio Maria Penha de Ramalho, o pai!

Sofia

(Afastando-se do retrato.) Mas, então...

D. Teresa

(Firme.) Então! Foi chamado um padre quando ele se negou a vestir-se, rebolando o  
corpo esquelético nas próprias fezes. E não era ainda o fim. Veio o homem de Deus  
a esta casa, olhou-o demoradamente, falou-lhe da vida eterna... para se horrorizar  
no espanto: "É a miséria da vontade." (Levanta-se.) (O meu filho jamais saberá estas  
verdades! O seu pai foi um fidalgo português como tantos outros: um fraco e um  
patife, com bom coração e mau vinho.) É preciso mentir até se acreditar nisto. Que a  
minha língua já ganhou um calo de tanto se habituar a mentiras! Os padres, esses  
sabem como ferir-nos com palavras.

Sofia

A miséria da nossa vontade... - e é neste preciso momento que um inoportuno sol  
nos devolve a luz mais pura! (Corre até à janela, por onde surge a primeira  
clareza da manhã.) A madrugada.

D. Teresa - Que horas são? Onze e vinte e três?  
Sofia - São quase sete horas

D. Teresa

Ainda temos muito que esperar.

Sofia

E que enlouquecer.

D. Teresa

(Decididamente.) Há que evitar a loucura.

Sofia

Mentindo?

**D. Teresa**

Só assim.

**Sofia**

Não chove... é por isso que faz tanto frio.

**D. Teresa**

Claro, por isso mesmo.

Pausa.

**Sofia**

(Olhando pela janela.) Consigo ver daqui os contornos da velha Sé - já do meu quarto também, e de casa dos meus pais. Faz parte da minha paisagem. Recorta-se contra a primeira luz.

**D. Teresa**

(Dando passos pelo escritório.) A persistência trágica das coisas, testemunhas do nosso fracasso pela vida fora.

**Sofia**

(Olhando sempre pela janela.) Eu cheguei a ter um rico pretendente, D. Álvaro de Coutinho - imagino: brincos, colares, pulseiras de pérolas, essas realmente magníficas. <sup>Não, um anel... um anel...</sup> A minha família... delirante! E quantos vestidos eu bem fantasiasse.

(Falando para a Sé, que se não vê.) Mas o nosso casamento implicava a minha partida para Espanha, pois ele deveria ocupar um importante cargo na Catalunha - recusei por tua causa. Como despertar em terra de estranhos, se eu sempre fui eu própria perto de ti? Neguei-me, quem sabe se a felicidade, por amor às tuas pedras. Hoje acho graça quando me lembro... e daria dez anos da minha juventude para

fim III

IV

estar no cabo do mundo! Sei-me bem pior do que aquilo que aparento à vista da minha infância.

**D. Teresa**

Tudo mentira. Acabamos por ser madrastas dos nossos próprios filhos. Maldita luz! Pior do que o rosto dos outros, é o nosso rosto adivinhado.

(Sentando-se, cansada.) O medo e sempre a maternidade. (Referindo-se ao retrato.)

**Sofia**

Estamos em plena madrugada. (Abandona a janela.) Creio que esta noite desbaratei dez anos da minha vida, para continuar no mesmo sítio. No entanto, o Custódio foi amado por mim: casei-me verdadeiramente cega de amor.

(Sentando-se também.) No fundo, ambas desejamos a mesma felicidade. (Cada uma para a sua parte.)

**D. Teresa**

As palavras não fazem mais sentido: estamos a dar cabo uma da outra com confissões.

Nu, neste escritório convertido em poço, morto a um casto - encontraram-no

**Sofia**

Os órfãos, que perigosos egoístas - todos! Privados de um pai ou de uma mãe, pouco lhes importa que os amem... e, por sua vez, são incapazes de qualquer amor sincero. O seu único desejo: serem admirados, ainda que na humilhação. O meu amor esbarrou de encontro ao egoísmo brutal (do seu filho: ele queria, sim, que eu o admirasse!)

**D. Teresa**

Eu sou culpada? Talvez.

**Sofia**

(Erguendo-se nervosa.) Vem aí alguém.



Sofia

Só que <sup>tu</sup> o Custódio não é homem <sup>de</sup> que eu <sup>(me)</sup> possa admirar. Foi <sup>te</sup> educado para aplausos, mas a <sup>+</sup>sua falta de jeito é que me atraiu e me comove ainda hoje. Gostaria, se possível, de <sup>dar-te</sup> dá-lo à luz com toda a minha paciência.

D. Teresa

(Sentando-se, cansada.) O medo e sempre a maternidade. (Referindo-se ao retrato.)

Na parede, o estranho deve considerar-nos duas bruxas no ventre de um lar desacreditado.

Sofia

(Sentando-se, também.) No fundo, ambas desejamos a mesma felicidade. (Cada uma a seu modo.) (Recomeça a costura.) A miséria da vontade.

D. Teresa

Nu, neste escritório convertido em pocilga, morto a um canto - encontraram-no assim. Lavámo-lo com mil toalhas, vestimo-lo - sabe Deus! - é, se calhar, o mais feliz de nós todos. Ao menos nunca precisou de mentir.

Pausa breve.

Sofia

(Cosendo, vira por momentos a cabeça para a janela.) Ainda lá se encontra, a velha Sé.

Pausa muito longa.

Inesperadamente; ouve-se barulho de fora. ←

Sofia

(Erguendo-se nervosa.) Vem aí alguém.

**D.Teresa**

(Levando as mãos ao rosto. Para si.) Por favor, por favor, por favor...

Madrugada no escritório.

Custódio, sem sentidos, está meio sentado, meio tombado numa cadeira.  
Custódio entra cambaleando: agarra-se à ombreira da porta, aos móveis... tomba pelo chão.

Sofia lança um grito, correndo para ele.

Sobre a coxupida secretária, uma pistola.

**Sofia**

Custódio!

(Debruçada sobre o filho, com agitação.) Pronto, está a recuperar os sentidos - meu

**D.Teresa**

(Sentada, para si.) Mentir sempre.

**Sofia**

(Ajoelhada perto do marido.) Está ferido... morto... (Apalpa-lhe o corpo. Vendo uma pistola no chão.) Uma arma ali - uma pistola! Custódio!!

**D.Teresa**

**D.Teresa**

(Já perto do filho.) Depressa, menina: ajude-me a transportar o seu noivo até àquela cadeira. Vá, com um esforço.

As duas mulheres transportam o corpo sem sentidos através do escritório, com custo e em silêncio.

Pela janela amanhece.

**Sofia**

(Continuando à janela, olha para a sogra e para o marido.) Dê-lhe o chapéu, pareça que é isto o que ele quer.

## TERCEIRO ACTO

Madrugada no escritório.

Custódio, sem sentidos, está meio sentado, meio tombado numa cadeira; a seus pés, o chapéu da pluma azul. D.Teresa tenta reanimá-lo a todo o custo. Sofia, afastada e de costas para os dois, olha pela janela, de braços caídos.

Sobre a comprida secretária, uma pistola.

**D.Teresa**

(Debruçada sobre o filho, com agitação.) Pronto, está a recuperar os sentidos - meu querido, então, então... desaperter-te a roupa à volta do pescoço... Custódio! (Para Sofia.) Abriu um olho: vive! Ó meu rico filho, que me importa a mim sufocar-te?, deixa que te abrace, sou tua mãe, tenho esse direito. Eu tão preocupada, nós as duas... que se passou, meu querido?

Custódio, sem qualquer gesto, murmura algumas palavras.

(C. - "Fim, talvez, capaz...")

**D.Teresa**

Como? (Para Sofia.) Que disse ele? (Para o filho.) Queres alguma coisa, meu anjo?

De novo algumas palavras murmuradas por Custódio.

**D.Teresa**

A menina não se interessa pelo estado do homem que a engravidou? Saia da janela: o meu filho está a pedir alguma coisa... - que é, meu querido? Não percebo, Sofia!

Com custo, Custódio estende uma mão para o chapéu.

**Sofia**

(Continuando à janela, olha para a sogra e para o marido.) Dê-lhe o chapéu, parece que é isso o que ele quer.

TERCEIRO ACTO

Madrugada no escritório.  
Custódio, sem sentidos, está meio sentado, meio tombado numa cadeira;  
a seus pés, o chapéu da pluma azul. D.Teresa tenta levantá-lo e todo o  
custo, Sofia, atirada e de costas para os dois, olha pela janela, de  
braços caídos.  
Sobre a comprida secretária, uma pistola.

D.Teresa

(Debrança sobre o filho, com súplica.) Pronto, está a recuperar os sentidos - meu  
querido, então, então... despartar-te a roupa à volta do pescoço... Custódio! (Para  
Sofia.) Abriu um olho: vive! Ó meu rico filho, que me importa a mim suicidar-te?  
deixa que te abraço, sou tua mãe, tenho esse direito. Eu tão preocupada, não se  
diz... que se passou, meu querido?

Custódio, sem qualquer gesto, murmura algumas palavras.  
(Com voz fraca.)

D.Teresa

Como? (Para Sofia.) Que disse ele? (Para o filho.) Quees algumas coisas, meu anjo?  
De novo algumas palavras murmuradas por Custódio.

D.Teresa

A menina não se interessa pelo estado do homem que a engravidou? Sais da janela:  
o meu filho está a pedir algumas coisas... - que é, meu querido? Não percebo, Sofia!

Com custo, Custódio estende uma mão para o chapéu.

Sofia

(Continuando à janela, olha para a sogra e para o marido.) De-lhe o chapéu, parece  
que é isto o que ele quer.

D.Teresa

O teu chapelinho? Pois, toma-o... meu querido filho, de certo sucedeu-te algum  
azar<sup>4</sup>! Sou uma tola, mas não contendo o choro: foram maus para ti, que te  
aconteceu? Claro, o chapelinho! (Para Sofia, referindo-se ao filho que já segura no  
chapéu.) Está a esboçar um sorriso.

Sofia

O mesmo oceano, a mesma fúria dos elementos, mas o azar<sup>6</sup> sempre colado.  
Que me importa? (Abre a janela de par em par numa atitude de desafio. Respira  
fundo, embora esfregue os braços para aquecer-se.)

D.Teresa

(Abre a janela.) Isso, fale-lhe do pai, que neste escritório o viu ser armado  
A conjuração foi descoberta? Meu Deus, que escapaste a ser preso - diz qualquer  
coisa à tua mãe!

Custódio

(Com voz fraca.) Fui... talvez... capaz.

D.Teresa

(Apurando o ouvido.) Sim? (Para Sofia.) Que foi que ele disse? Feche essa janela,  
que constipa o meu filho. Fala, Custódio.

Custódio

Se eu estivesse no meu leito de morte, estas seriam as últimas palavras do  
moribundo: fui... talvez... e capaz. (Esboça um sorriso.)

<sup>4</sup> desgraça.

D. Teresa

O teu chapéuinho? Pois, toma-o... meu querido filho, de certo sucedeu-te algum azar! Sou uma tola, mas não contendo o choro: formo mais para ti, que te aconteces? Claro, o chapéuinho! (Para Sofia, retirando-se ao filho que já segura no chapéu.) Está a esboçar um sorriso.

Sofia

Que me importa? (Abre a janela de par em par numa atitude de desânimo. Respira fundo, embora esfregue os braços para aquecer-se.)

D. Teresa

A conjunção foi descoberta? Meu Deus, que escapaste a ser preso - diz qualquer coisa à tua mãe!

Custódio

(Com voz fraca.) Foi... talvez... capaz.

D. Teresa

(Quando o ouvido.) Sim? (Para Sofia.) Que foi que ele disse? Fecha essa janela, que começa o meu filho. Fala, Custódio.

Custódio

Se eu estivesse no teu lado de morte, estas seriam as últimas palavras do moribundo: fui... talvez... e capaz. (Esboça um sorriso.)

desgraça

D. Teresa

(Desesperada.) Uma parvoíce destas, e ri-se! A janela, menina! Na nossa família, é verdade, sempre houve grandes esperanças com grandes <sup>desgracias</sup> azares<sup>5</sup>. (Poderíamos ter sido nós, e não outros, os descobridores do Brasil - se simplesmente a tempestade que atirou com o Sr. D. Pedro Álvares Cabral para essa terra não tivesse afundado a embarcação onde seguia um antepassado da minha mãe, um Ramos de Barbosa e Duarte. O mesmo oceano, a mesma fúria dos elementos, mas o azar<sup>6</sup> sempre colado aos nossos actos!) Já com o teu pai...

(Triunfante.) Foi então isso! (Pousa lentamente a arma.)

Sofia

(Tendo fechado a janela.) Isso, fale-lhe do pai, que <sup>aqui</sup> neste escritório o viu ser armado cavaleiro (há cerca de duas horas!)

D. Teresa

(Afastando-se do filho.) Também na nossa família... muitos dos nossos antepassados (alguns, por certo.) (Limpendo umas lágrimas dos olhos.) Eu proíbo-a de faltar ao respeito...

Sofia

Pois a senhora não repara? Nem a menor ferida! Que azar<sup>7</sup> <sup>desgracia</sup> maldoso foi esse de que foste vítima, Custódio? Cheguei eu deveras a assustar-me! (Pára diante da secretária.) Agora mostras-te calmo, melhor para todos. Já não te escorrem suores pela testa como ao entrares por aquela porta: passou-te o medo.

D. Teresa

(Quase numa súplica.) Sofia!

<sup>5</sup> desgraça.

<sup>6</sup> desgraça.

<sup>7</sup> desgraça/acaso.

**Sofia**

(Pegando na pistola com curiosidade.) Confessa francamente, Custódio: o medo aniquilou-te.

**D. Teresa**

**Custódio**

(Apertando o chapéu de encontro ao peito.) Cala-te!

**Sofia**

(Triunfante.) Foi então isso! (poisa lentamente a arma.)

Pausa longa.

**D. Teresa**

(Afastando-se do filho.) Também na nossa família... muitos dos nossos antepassados <sup>foram</sup> medrosos (alguns, por certo). (Limpendo umas lágrimas dos olhos.) Medrosos, mas nunca medricas, meu filho. (Pausa.) Abandonar os teus companheiros a meio da empresa, foi o que fizeste?

**Custódio**

Íamos a caminho do paço real. De repente senti-me indisposto - não pude.

**D. Teresa**

(Tapando o rosto.) Que vergonha!

**Sofia**

(Com desprezo.) Medo... o que te levou a regressar de rastos a esta casa como se te tivessem ferido de morte. Apenas medo!

**Custódio**

(Para Sofia.) Cala-te!

**D. Teresa**

(Imediatamente.) Não percebo porque só mandas calar a tua mulher e não me mandas calar a mim.

**Custódio**

Pois então feche-me também essa boca! (Atira de si o chapéu.) Confesso que senti isso - e nem sequer medroso como os bastardos dos nossos antepassados. Verdadeiramente medricas, até aos gases, se é que me entendem. Não pude: deixei que os outros trinta e nove conju-u-u-urados seguissem sem mim (para o assalto ao paço da Vice-Rainha, a Sra. Duquesa de Mântua, prima daquele que ainda é nosso rei - rei de Espanha). Quando se ouvir pela cidade a artilharia do castelo de S. Jorge, tudo estará consumado: Portugal com a independência restaurada. (Pausa.) Agora o medo... ah, que ridículos! Quarenta fidalgos com quarenta plumas nos seus chapéus novos: o símbolo da conjura. Que homens de facto medonhos - deles assustei-me eu. Nenhum que em silêncio se perguntasse: "porquê?" ou "para quê?" Sobretudo, "quem, eu?" Era o marasmo intelectual em acção: jamais o vira antes e participar nele não pude. "Rápido, a ver se despachamos a independência do país sem que o povo dê por isso" era a frase preferida de um dos heróis daquele marasmo em plena actividade. (Pausa.) A palavra certa, querem sabê-la? Acagacei-me de ser como eles; ridículo, mesquinho como eles - (que arranquem a duquesa do paço) prefiro não ser contado entre o seu número.

**D. Teresa**

Meu filho, "porquê, para quê?" Pensa que hoje em todas as casas de nome dir-se-á à boca cheia: "O homem da pluma azul é um traidor!"

fin I

II





Custódio

Portugal tornou-se um país de cancores: parques de divertimentos e de amuse. Sou eu que o digo. As coisas não são assim... é impossível seguir um hino nacional, mas o

hino nacional: Portugalinho!

Sofia

Se tu o dizes!

Custódio

Eu que me sei melhor que todos eles...

Sofia

"O homem da pluma azul será sempre um traidor..." - se vieres a quebrar os vidros

Custódio

Porque me dizes isso?

Sofia

(Com revolta, referindo-se também a Sofia.) E não fustiga!

Custódio

(Cansado.) Que queres que eu faça? Estou com muito sono... O meu filho que me

tenha compreendido.

Pausa longa.

Sofia pega no vestido que estava a coser no segundo acto, dá alguns passos rituando-o pelo chão e senta-se, deixando-o de lado.

D. Teresa também se senta, de costas para o filho.

D. Teresa

Esperemos pela salva de artilharia no castelo e pelas pedradas dos que talvez não tenham razão. Seja como for, esperar!

D. Teresa

Sofia (indo-se para Custódio.) Ainda por cima inteligente... - porque, meu filho?

Quem sabe se a conjura terminará mal para os portugueses? Nesse caso...

D. Teresa

(Com esperança.) Nesse caso!

Custódio

Caso abençoado, orgulhar-nos-emos de eu ser um grande herói da unidade ibérica: o tal que desistiu... (No mínimo ser-nos-á dado o título de marqueses. Aliás, em nossa casa, todos muitos amigos dos Filipes! (Ri-se.) E aquela história, trata-se de uma anedota - mesmo que me não ouçam, paciência, hei-de contá-la. Estou muito bem disposto, agora que me lembrei da possibilidade do golpe patriótico fracassar. Em Madrid, para onde nos mudaremos em breve no nosso coche de marqueses, é muitíssimo afamada, a tal história. Ouvidos atentos! Um dinamarquês distraído veio a Portugal, já que a volta ao mundo passa por aqui, e tudo quanto via lhe era admiração favorável: as ruas emporcalhadas; as inundações fedorentas do rio; o azeite e o alho da nossa subsistência; as procissões em compasso fúnebre; o ar abafado das ventas do povo - prova de higiene física e cultural. "sem dúvida - esbracejava ele com um pé na carruagem que o levaria para longe da nossa fronteira-, sem dúvida Lisboa, a capital mais civilizada de toda a África Negra!" E abalou rumo à Europa, envolto em nuvem de pó e de bolor. (Pausa breve.) Esta história é para ser contada tirando bombons do nariz! Não, verdadeiramente, grande

F. de Sá

azar<sup>8</sup> de sermos europeus: caramba, poder-nos-iam apontar como o país mais civilizado de Marrocos!

**D. Teresa**

(Virando-se para Custódio.) (Ainda por cima inteligente...) - porquê, meu filho? Todos os momentos me pergunto se a culpa terá sido minha, isso que tu és.

**Sofia**

Deixe-o falar, senhora. Ele sente-se bem: gosta de ser admirado e está-se a admirar.

**Custódio**

O mal do nosso país reside na educação. Esta deve ser um abrir de olhos amplamente para a vida: ver-se o que é belo e o que é feio, para depois escolher o mais perfeito. Em Portugal, agachados, olhos sim, olho não, espreitamos pela fechadura da catequese secular - agnóstica, ainda por cima... -, e que vemos? Um espelho propositado, que nos reflecte o nosso olho e a nossa fechadura.

**Sofia**

(Erguendo-se.) Os outros neste momento arriscam a vida para nos libertarem do domínio estrangeiro!

**Custódio**

(Também se erguendo.) Urinarei para o Tejo: a minha contribuição para o desenrolar histórico da pátria.

<sup>8</sup> desgraça.

**Sofia**

Tu, entre as saias de duas mulheres! Pouco me importam os motivos deles: orgulhar-me-ia dos filhos que me dessem.

**Custódio**

Heróis que não prestam!

**Sofia**

Que graças a Deus - ou ao azar, senhora - não têm inteligência doentia! Uma pistola, porque nem te sabes servir de uma espada - e que é feito dela? Levaste contigo uma pistola às escondidas de nós as duas, até em tua casa um cobarde, para disparares de longe. Medricas de mais para um duelo honesto.

**D. Teresa**

**Custódio**

(Com voz sumida.) Perdi a espada, mamã: nem sei onde a deixei. (Pegando na arma.) Esta coisa, pois nem sequer funciona como deve ser: fica com o gatilho encravado... não presta para me matar. (Pausa. Olhando para a pistola.) Tenham dó de mim, que sofro terrivelmente a minha solidão. (Silêncio.) Mamã... (Poisa a arma. Chorando.) Que vergonha, diante do meu pai que me vê daquele retrato. (Para o quadro na parede, aproximando-se dele.) Tu, porque foi que faltaste ao meu lado? Só tu me saberias amar, pai! (Abre os braços, como que abraçando o retrato.)

D. Teresa, impressionada, olha para Sofia: levanta-se, caminha para ela.

**D. Teresa**

Ainda é cedo.

**Sofia**

(Para a sogra.) Não espere consolo da minha parte. (Referindo-se ao quadro.)

Aquele aleijão é obra sua.

III

Sofia  
 Tu, entre as saias de duas mulheres! Pouco me importam os motivos deles.  
 orgulhar-me-ia dos filhos que me dessem.  
 Custódio  
 Heróis que não prestam!  
 Sofia  
 Que graças a Deus - ou ao azar, senhor - não têm inteligência doental. Uma  
 pistola, porque nem te sabes servir de uma espada - e que é feito dela? Levaste  
 contigo uma pistola às escondidas de nós as duas, até em tua casa um cômodo, para  
 disparares de longe. Médicos de mais para um duelo honesto.  
 Custódio  
 (Com voz sumida.) Furti a espada, mamã; nem sei onde a deixei. (Pregando na  
 arma.) Estás cois, pois nem sequer funciona como deve ser: fica com o gatilho  
 encravado... não presta para matar. (Fausa. Olhando para a pistola.) Tentam do  
 de mim, que souo terrivelmente a minha solidão. (Silêncio.) Mamã... (Pois a  
 arma. Choro.) Que vergonha, disse do meu pai que me vê daquele retrato.  
 (Puz o quadro na parede, aproximando-se dele.) Tu, porque foi que fátaste ao meu  
 lado? Se tu me esperas amar, pai! (Abre os braços, como que abraçando o retrato.)  
 D. Teresa, impressionada, olha para Sofia: levanta-se, caminha para ela.  
 Sofia  
 (Para a sogra.) Não espere consolo da minha parte. (Retirando-se ao quadro.)  
 Aquilo alijão é obra sua.

**Custódio**

(Para o retrato.) Olho-te e digo-te: não sou eu, pai. Nem mesmo este rosto que vês me pertence. Pai, a minha barba! Alguém tomou o meu lugar enquanto eu te procurava - e eu procurei-te tanto! Sou um estranho dentro de mim próprio: adivinho-me e aguardo-me semelhante ao teu rosto. Porque os meus gestos, para não falar das minhas palavras, se baseiam nesta esperança, pai: que eu subitamente me revele tal como sou. Tiveste a coragem que eu não tenho: um acto terminal. Um filho! Nesse dia até as paredes reflectirão o meu rosto revelado! Mas por enquanto vou-me esperando no cansaço disto tudo que eu não sou... (Pausa. Largando o retrato, como consolo.) Há-de haver dinheiro para comprar outra espada. É promessa.

fin II

**D. Teresa**

Poupa-nos dramas, meu filho. O dinheiro... arranja-se! Deixa crescer a barba ou o bigode ou as duas coisas, hem? Assim para o resto da vida, como um capitão das Índias! Caso nos libertemos de Espanha, ou seja, hoje ainda, não se poderá evitar a guerra entre os nossos países: com a tua barba nova, no campo de batalha lavarás o nome da família.

IV

**Custódio**

Nada se ouve do castelo.

**D. Teresa**

Ainda é cedo.

**Custódio**

Os trinta e nove conjurados... que estranho eu não me encontrar no meio deles!

Custódio

(Para o retrato.) Olho-te e digo-te: não sou eu, pai. Nem mesmo este rosto que vês  
me pertence. Pai, a minha batalha! Alguém tomou o meu lugar enquanto eu te  
procurava - e eu procurei-te tanto! Sou um estranho dentro de mim próprio:  
adivinha-me e agrando-me semelhante ao teu rosto. Porque os meus gestos, pais  
não falto das minhas palavras, se passarem nesta esperança, pai: que eu subitamente  
me revele tal como sou. Tiveste a coragem que eu não tenho: um acto terminal. Um  
filho! Nesse dia até as paredes reflectiram o meu rosto revelado! Mas por enquanto  
vou-me esperando no cansaço deste tudo que eu não sou... (Pausa. Largando o  
retrato, como consolo.) Há-de haver dinheiro para comprar outra espada. É  
promessa.

III  
IV

D. Teresa

Poupa-nos dramas, meu filho. O dinheiro... estranja-se! Deixa crescer a barba ou o  
bigode ou as duas coisas, bem? Assim para o resto da vida, como um capitão das  
Índias! Caso nos libertemos de Espanha, ou seja, hoje ainda, não se podem evitar a  
guerra entre os nossos países: com a tua barba nova, no campo de batalha lavas o  
nome da família.

Custódio

Nada se ouve castelo.

D. Teresa

Ainda é cedo.

Custódio

Os trinta e nove conjuntos... que estranho eu não me encontrar no meio deles!

D. Teresa

Partirás para a guerra: os nobres não morrem nas batalhas, é coisa sabida, apenas  
enriquecem com elas. O que o teu pai desbaratou ao jogo - que não era nenhum  
santo, tenho-to dito; valente, nem isso... -, tu recuperarás na fronteira, contra os  
espanhóis.

Custódio

Sofia

(Irónica.) Poupa-se a tia Eduína!

D. Teresa

D. Teresa

Muitos anos de vida para a santa senhora! Vês como tudo se pode ainda arranjar,  
Custódio? Eu que já me imaginava à cabeceira da tia, oferecendo-lhe os meus  
préstimos...

Custódio

Mamã!

D. Teresa

... enfim, apressar-lhes os dias, sou mulher - eu é que não posso ir para o campo de  
batalha! Mas agora, em breve, estou certa, ouviremos a salva da artilharia, tudo se  
irá recompor. Um procedimento errado, se estavas indisposto, quem levará a mal?  
(Fazendo Custódio sentar-se na cadeira.) De novo, a esperança nesta casa! Depois o  
teu filho... muitas alegrias nos há-de dar aos dois. Pressentimentos de avó não  
falham - aos três, querida Sofia. E pronto, não se fala mais em desgraças! A minha  
vontade era... mas não: vinho para celebrarmos este dia de reencontro com a  
esperança - esta velha teimosia portuguesa de ter esperanças! Ou preferes dormir um  
pouco? Se tens sono...

Custódio

D. Teresa

Partida para a guerra: os nobres não morrem nas batalhas, é coisa sabida, apenas  
entrecem com elas. O que o teu pai desbaratou ao jogo - que não era nenhum  
santo, tenho-te dito; valente, nem isso... -, tu recuperas na fronteira, contra os

espanhóis.

Sofia

(Iníca.) Pouca-se a tia Eduarda!

D. Teresa

Muitos anos de vida para a santa senhora! Vê como tudo se pode ainda estranjar.  
Custódio? Eu que já me imaginava à cabeceira da tia, oferecendo-lhe os meus  
prelúdios...

Custódio

Mamã!

D. Teresa

... enfim, apressar-lhes os dias, sou mulher - eu é que não posso ir para o campo de  
batalha! Mas agora, em breve, estou certa, ouviremos a salva da artilharia, tudo se  
irá recompor. Um procedimento errado, se estavas indigesto, quem levava a mão?  
(Parece Custódio sentar-se na cadeira.) De novo, a esperança nesta casa! Depois o  
teu filho... muitas alegrias nos há-de dar nos dias. Presentimentos de avô não  
faltam - aos três, querida Sofia. E pronto, não se faz mais em desgraça! A minha  
vontade era... mas não: vinha para celebrarmos este dia de reencontro com a  
esperança - esta velha teimosia portuguesa de ter esperanças! Ou prefereis dormir um

Custódio

Barba e bigode e patilhas - além da espada nova.

(Arguendo-se rapidamente.) Tenho ganas, sabem, de correr até ao paço: certamente

D. Teresa

Bravo!

D. Teresa

Custódio como explicarias a tua ausência durante este tempo, filho? Agora espera

Aprenderei a servir-me dela. bravo.

D. Teresa

Sofia, durante a fala seguinte de Custódio, torna a pegar na pistola,  
examinando-a em silêncio.

Bravo!

Custódio

Custódio (sai para a cadeira. De braços abertos, num êxtase um pouco teatral.)

E o chapéu... minha terra não um futuro próspero em glórias, mas um destino de  
liberdade - haverá alguém capaz de entender isto? Os portugueses, sim, na essência,

D. Teresa

Isso mesmo! Oh, agora sim, mãe, filho... - Sofia, a menina não se alegra com o  
nosso futuro? Eu já mal aguento as saudades desses dias! Vou abrir a janela para  
ouvirmos bem quando chegar o momento... uns buns!, da independência de  
Portugal. (Abrindo a janela por completo.) Manhã lindíssima! Tão suave, a minha  
vida.

Custódio

Quando o meu pai se suicidou, uma manhã igual a esta, não é verdade? Com um  
primeiro sol a entrar pela janela... ou foi de tarde?

D. Teresa

Disparates! Que soe a artilharia!

**Custódio**

(Erguendo-se rapidamente.) Tenho ganas, sabem, de correr até ao paço: certamente faço lá falta.

**D. Teresa**

Custódio, como explicarias a tua ausência durante este tempo, filho? Agora espera um pouco mais para seres um bravo.

Sofia, durante a fala seguinte de Custódio, torna a pegar na pistola, examinando-a em silêncio.

**Custódio**

(Deixa-se cair para a cadeira. De braços abertos, num êxtase um pouco teatral.) Idealizo para a minha terra não um futuro próspero em glórias, mas um destino de liberdade - haverá alguém capaz de entender isto? Os portugueses, são, na essência, animados de mar e vento - com um solo ingrato, impele-nos o viajar! Não somos tristes: antes um povo alegre que decaiu na tristeza; activos, mas de momento mergulhados na miséria. (Pausa.) Imagino um Portugal de homens livres, coloridos e empreendedores. Forçosamente teríamos de abandonar o cancro católico e, se possível, toda a crença metafísica. Não somos um povo de fé, mas de supersticiosos - a nossa cultura tem sido até à data pouco mais que uma forma inteligente de superstições. Ora, se a verdadeira cultura visa a liberdade do homem, no caso do nosso país o seu objectivo deve ser anticultural. Isto é contraditório, logo está muito certo: só o português inculto é livre. (Nova pausa.) Depois... bom, faria de Portugal uma via de civilização: local de passagem de pessoas, de ideais e de produtos. Nem Brasil nem Índia para nos comprometer: talvez a nação mais minúscula do planeta, mas a mais variada; aberta a todas as liberdades dos cinco, seis ou sete continentes - que se houver habitantes em Marte... Quanto aos portugueses, espalho-os pelo mundo com funções diplomáticas: somos um povo de

fim IV

V

viajantes, missionários da desenrascadela... Presentes em todos os pontos do globo: nos países do norte, no Japão, naquela mordança de enigmas que é a Rússia, junto dos peles vermelhas - e poríamos toda esta gente em contacto, rasgando ondas, galgando montanhas, através de planícies...

**D.Teresa**

O meu filho, que inteligência!

**Custódio**

(Continuando.) Onde houvesse um português, seria coisa certa: uma anedota bem humorada e, depois de dois copos de vinho e de um ou outro coice, estabelecer-se-ia a concórdia - nem que fosse por mania, que mania! A língua portuguesa mil vezes superior ao latim: não o amor a Deus, mas a harmonia entre homens livres e amáveis. A nossa bandeira, hip!, hip!, qual foguete: sinal de liberdade pelo mundo em pedaços merecida!

**D.Teresa**

Que inteligência!

**Custódio**

Este Portugal, pobre de conquistas mas transpirando aventura e riso por todos os poros, eis o meu ideal - a utopia que vos deixo em testamento. (Abrindo os olhos.) Seremos.. talvez... capazes... - que é lá isso?!

Sofia, enquanto o marido discursava, colocou-se diante dele apontando-lhe a pistola ao peito.

**Sofia**

Vou-te matar, Custódio, tão inteligente que tu és.

fin V

VI



Custódio

**Custódio**

(Endireitando-se na cadeira.) Cuidado, olha que não sabes como mexer nessa arma... Vá, dispara. (Cruza os braços.)

**Sofia**

(TRAIADOR - e está tudo dito.) Vou-te matar, Custódio

**Custódio**

Sofia, peço-te.. que o gatilho se desencrava, pode acontecer uma desgraça. (Tenta arrancar a pistola das mãos de Sofia, que se debate.) Largue...

**Sofia** Largue a arma!

Vou-te matar, Custódio.

**Sofia**

**Custódio**

Ainda se dispara sozinha a pistola, mesmo que o não queiras.

**D. Teresa**

**Sofia** e dispara... não aponte... largue, largue!

(Estendendo o braço com a arma.) Prepara-te.

**Custódio**

(Baixa o rosto.) Bom, não me quero ver morrer. (Baixa o

Eu, o único português que ama a liberdade...

**Sofia**

Dom Inteligente, à morte!

*Pausa.*

*D. Teresa coloca a arma sobre a secretária, vira-se para Custódio. Sofia deixa-se cair de joelhos, soluçando.*

IV

**Custódio**

Alto! Se teimas em levar por diante a brincadeira... - o meu chapéu? Quero morrer enchapelado! (Apanha o chapéu do chão e coloca-o na cabeça.) Dispara: morro da pluma azul. Vá, dispara. (Cruza os braços.)

**Sofia**

Traidor! (Vai a disparar.)

**D. Teresa**

Menina, largue essa arma imediatamente! (Aproxima-se da nora.) Que lhe passou pela cabeça? (Tenta arrancar a pistola das mãos de Sofia, que se debate.) Largue... doida! Largue a arma!

**Sofia**

Hei-de matá-lo de raiva!

**D. Teresa**

Ainda se dispara... não aponte... largue, largue!

**Custódio**

(Para as duas mulheres à sua frente.) Bom, não me quero ver morrer. (Baixa o chapéu de modo a tapar a vista. Irónico.) Cuidado com essa pistola...

**D. Teresa**

(Apoderando-se da arma.) Basta!!

Pausa.

D. Teresa coloca a arma sobre a secretária, virada para Custódio. Sofia deixa-se cair de joelhos, soluçando.

**Sofia**

(Tapando o rosto.) Não sei o que me deu, não sei... não sei... - não aguento mais!

Nova pausa. Silêncio.

**Custódio**

(Erguendo um pouco o chapéu.) Já posso ressuscitar para a vida?

fin VI

De súbito um tiro: a pistola disparou-se sozinha.  
O tronco de Custódio tomba para a frente, embora ele continue sentado na cadeira. O chapéu de pluma azul rola-lhe aos pés.  
Espanto horrorizado das duas mulheres.

VII

**D. Teresa**

Não!! (Corre a abraçar o filho.) Custódio, Custód... como foi? Custódio, fala - cheio de sangue... disparou-se sozinha. Um tiro de pistola, como o pai! Fala, fala... está morto o meu filho!!

Pela janela aberta ouve-se uma salva de artilharia.

**D. Teresa**

(Abraçando o corpo do filho.) Custódio... Custódio... e a menina não diz nada?!

**Sofia**

(Continuando de joelhos.) Que há para dizer? Eles... (Levando as mãos ao ventre.)

O teu pai morreu pela pátria!

De fora, nova salva vitoriosa de artilharia.

FIM

Sofia

(Tapando o rosto.) Não sei o que me deu, não sei... não sei... - não aguento mais!

Novas pausas. Silêncio.

Custódio

(Espantando um pouco o chapéu.) Já posso ressuscitar para a vida?

IV

VII

De súbito um tiro: a pistola disparou-se sozinho.  
O tronco de Custódio tomba para a frente, embora ele continue sentado  
na cadeira. O chapéu de pluma azul cai-lhe aos pés.  
Espanto horizontalizado das duas mulheres.

D. Teresa

Não!! (Corre a abraçar o filho.) Custódio, Custódio... como foi? Custódio, fala -  
cheio de sangue... disparou-se sozinho. Um tiro de pistola, como o pai! Fala, fala...

está morto o meu filho!

Pela janela aberta ouve-se uma salva de artilharia.

D. Teresa

(Abraçando o corpo do filho.) Custódio... Custódio... e a menina não diz nada!!

Sofia

(Continuando de joelhos.) Que há para dizer? Ela... (Levando as mãos ao ventre.)

O teu pai morreu pela pátria!

De fora, novas salvas vitoriosas de artilharia.

FIM

### HINO DA RESTAURAÇÃO

Portugueses, celebremos  
o dia da redenção  
em que valentes guerreiros  
nos deram, livre, a Nação.

A fé dos campos d'Ourique  
coragem deu e valor  
aos famosos de quarenta  
que lutaram com ardor.

Prá frente! Prá frente!

Repetir saberemos

as proezas portuguesas.

Avante! Avante!

É voz que soará triunfal.

Vá avante, mocidade de Portugal!

HINO DA RESTAURAÇÃO

Portuguezes, celebremos  
o dia da redenção  
em que valentes guerreiros  
nos deram, livres, a Nação.

A lè dos campos d'Ourique  
coragem deu e valor  
aos ferozes de guerra  
que lutaram com ardor.

Prê frontal prê frontal  
Repetir sabedores  
as proezas portuguezas.  
Avante! Avante!

È voz que soa triumphal.  
Vê avante, mocidade de Portugal!

B

